

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Fábio Aparecido Ernesto Leocádio

**MATRIZ DE SÃO SEBASTIÃO E ALMAS: SÍMBOLO DE
MODERNIDADE SEM MODERNISMO**

Ouro Preto

2024

FABIO APARECIDO ERNESTO LEOCÁDIO

**MATRIZ DE SÃO SEBASTIÃO E ALMAS: SÍMBOLO DE
MODERNIDADE SEM MODERNISMO**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentando à Diretoria de
Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do
Instituto Federal de Minas Gerais -
Campus Ouro Preto como requisito
parcial para obtenção do título de
Tecnóloga em Conservação e
Restauração de Bens Imóveis.

Orientador: Prof. Ms.
Rodrigo Otávio de Marco Meniconi

Ouro Preto

2024

L576m Leocádio, Fábio Aparecido Ernesto.
Matriz de São Sebastião e almas [manuscrito] : símbolo de modernidade sem modernismo / Fábio Aparecido Ernesto Leocádio. – 2024.
90 f. : il.

Orientador: Rodrigo Otávio de Marco Meniconi.
Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Igreja Matriz de São Sebastião e Almas (Ponte Nova, MG). 2. Arquitetura neogótica. 3. Patrimônio cultural. I. Meniconi, Rodrigo Otávio de Marco. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

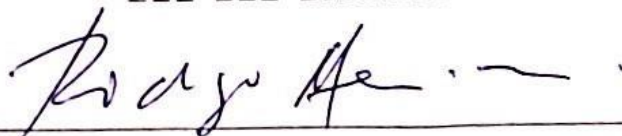
CDU: 72.035.3

Fábio Aparecido Ernesto Leocádio

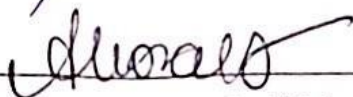
**MATRIZ DE SÃO SEBATIÃO E ALMAS: SÍMBOLO DE
MODERNIDADE SEM MODERNISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentando à Diretoria de Pesquisa,
Graduação e Pós-graduação do Instituto
Federal de Minas Gerais - Campus Ouro
Preto como requisito parcial para
obtenção do título de Tecnóloga em
Conservação e Restauração de Bens
Imóveis.

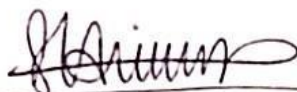
Aprovada em 01 / 02 / 2024 pela banca examinadora:



Prof. Me. Rodrigo Otávio, de Marco Meniconi (Orientador)



Prof.ª Me. Ana Paula de Moraes



Me. Ivana, da Costa Amorim

Ouro Preto

2024

Dedico esta monografia aos meus amados pais, Maurene Isabel Ernesto e Flávio Horácio Leocádio, e à minha família e amigos, cujo apoio e incentivo foram fundamentais para alcançar esta conquista.

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que inicio este momento de agradecimento, expressando minha profunda gratidão a Deus, fonte inesgotável de sabedoria, força e inspiração. A Ele dedico não apenas este trabalho, mas cada passo desta jornada acadêmica que culmina no presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sua graça e orientação foram fundamentais para superar desafios e alcançar este marco em minha vida.

À minha querida família, meu porto seguro, meu alicerce, expresso minha eterna gratidão. Vocês foram a força motriz por trás de cada conquista, o suporte inabalável nos momentos difíceis e as vozes encorajadoras nos momentos de dúvida. Agradeço por cada sacrifício, por cada palavra de estímulo e por cada gesto de amor que me impulsionou até aqui.

RESUMO

Apesar da importância histórica e arquitetônica, informações sobre as diversas edificações do período neogótico no município de Ponte Nova, em Minas Gerais (MG), são bastante escassas. Sendo assim, verificou-se a necessidade de elaboração de um estudo científico por meio de um levantamento histórico, fotográfico e arquitetônico, de pelo menos, uma dessas construções, tendo em vista a importância de serem estudadas e preservadas para futuras gerações. Assim, este estudo visa um estudo detalhado sobre a história de criação de uma pequena capela que hoje é a atual Igreja Matriz de São Sebastião e Almas em Ponte Nova/MG.

Palavras-chave: Matriz de São Sebastião e Almas, Neogótico, Ponte Nova.

ABSTRACT

Despite the historical and architectural importance, information about the various neo-Gothic buildings in the municipality of Ponte Nova, Minas Gerais (MG), is quite scarce. Therefore, it was identified the need for the development of a scientific study through a historical, photographic, and architectural survey of at least one of these constructions, considering the importance of studying and preserving them for future generations. Thus, this study aims for a detailed examination of the history of the creation of a small chapel that now serves as the current Mother Church of San Sebastian and Almas in New Bridge - MG.

Keywords: Church of San Sebastian and Almas, Neo-Gothic, New Bridge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada frontal.	12
Figura 2 - Gárgula da Catedral de Amiens Desenho de Viollet-le-Duc.....	16
Figura 3 - Desenho para a restauração da capela, Château de Pierrefonds, 1864.	18
Figura 4- Albert Memorial logo após sua construção,1876.	21
Figura 5- Saint-Denis durante no meio do séc. 19, Ilustração de Abbayes et Monastères (1870).....	22
Figura 6 - Fachada da catedral de Chartres Notre – Dame, 4° arrondissement, séc. 19 a 20, Paris.	23
Figura 7- Strawberry Hill por William Marlow, 1776–1780.	29
Figura 8 - Vista das frentes oeste e norte das Delineações de Fonthill de John Rutter (1823).	30
Figura 9 - Estrasburgo e a catedral em 1869 de Charles David Winter.	31
Figura 10 - Royal Courts Justice, 1926, Londres.	35
Figura 11 - Catedral de Leon iluminação interna.	42
Figura 12 - Abóbadas góticas quadripartidas com nervuras cruzadas da Igreja de Saint-Séverin em Paris.....	43
Figura 13 - Elementos principais do neogótico.	44
Figura 14 - Desenho representativo da primeira capela de São Sebastião - Ponte Nova.	61
Figura 15 - Segunda capela São Sebastião concluída - Ponte Nova.....	62
Figura 16 - Segunda capela São Sebastião celebração do levantamento da cruz antes de 1915 - Ponte Nova..	63
Figura 17 - Vista panorâmica de Ponte Nova, estação de trem e o Hotel Gloria ao fundo, 1930.	67
Figura 18 - Av. Caetano Marinho-Matriz São Sebastião construção inaugurada 1926.	72
Figura 19 - Av. Caetano Marinho Matriz São Sebastião 1940.....	72
Figura 20 - Matriz São Sebastião – Ponte Nova.....	73
Figura 21 - Matriz São Sebastião parte interna do transepto, podemos ver o arco do cruzeiro, altar-mor e retábulo – Ponte Nova.....	74
Figura 22 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada frontal.	75

Figura 23 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada lateral esquerda..	75
Figura 24 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada lateral esquerda..	76
Figura 25 - Torre sinaleira da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021...	76
Figura 26 - Pináculo com ornamento de cruz lituana Matriz São Sebastião – Ponte Nova	77
Figura 27 - Pináculo ornamentado com florões e cogulos Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.....	77
Figura 28 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada lateral esquerda, arcobotante e contraforte.	78
Figura 29 - Vitral da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.....	79
Figura 30 - Vitral da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.....	79
Figura 31 - Vitral da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.....	80
Figura 32 - Nave central, vista para a arcada principal e clerestório Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.....	80
Figura 33 - Abóbada nervurada da nave principal e nave laterais.....	81
Figura 34 - Abóbada nervurada	81

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
<i>1.1. Introdução do Neogótico em Minas Gerais.</i>	13
2. METODOLOGIA.....	13
3. RESULTADOS	14
3.1. A criação no neogótico e suas características.	14
3.1.1. História do Neogótico	14

32

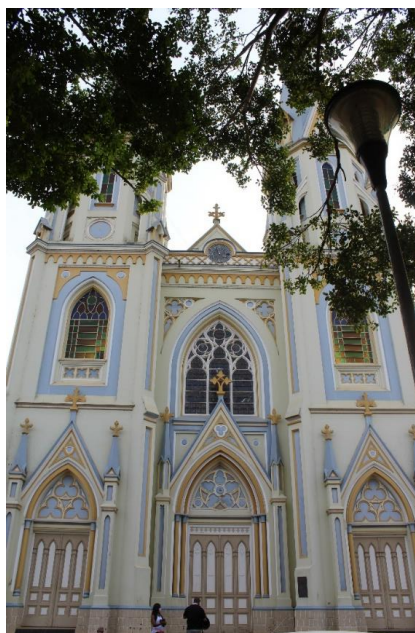
4. A CHEGADA DO NEOGÓTICO EM PONTE NOVA COMO MODERNIDADE.	45
4.1. Neogótica uma breve introdução.	45
4.1.1 O Neogótico e a sua chegada em Minas Gerais.	46
5. PONTE NOVA E A SUA IMPORTÂNCIA COMO A REGIÃO DO AÇÚCAR.	48
5.1. Histórico de Ponte Nova	48
5.1.1. De Vila da Ponte Nova a Município.	57
5.1.2. Levantamento documental e fotográfico, sobre a evolução arquitetônica da Matriz de São Sebastião.	60
5.1.3. Características estilísticas e arquitetônicas do neogótico na Matriz São Sebastião.	73
6. CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS	84

1. INTRODUÇÃO

A importância histórica e arquitetônica, existe uma notável escassez de informações acerca das variadas edificações do período neogótico no município de Ponte Nova, Minas Gerais (MG). Diante desse contexto, identificou-se a necessidade de empreender uma pesquisa científica por meio de um levantamento histórico, fotográfico e arquitetônico de, no mínimo, uma dessas construções, considerando a relevância de seu estudo e preservação para as futuras gerações. Nesse sentido, este estudo busca uma análise detalhada da história de concepção de uma pequena capela, agora configurada como a Igreja Matriz de São Sebastião e Almas em Ponte Nova/MG.

O objetivo principal consiste na elaboração de um documento que possa servir como referência em pesquisas científicas acerca da Matriz de São Sebastião e Almas em Ponte Nova/MG, embasando-se na compreensão da introdução do estilo neogótico como uma expressão de modernidade em Minas Gerais, com ênfase especial em Ponte Nova

Figura 1 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada frontal.



Fonte: Arquivo Pessoal.

1.1. Introdução do Neogótico em Minas Gerais.

Minas Gerais um acervo a céu aberto, onde as arquiteturas predominantes como o Barroco e o Rococó, foi atingida pela a onda do neogótico. O primeiro estado a ser invadida por essa arquitetura ressuscitada vinda da época medieval, onde dirigiu-se ao Rio Janeiro com a vinda da Corte Portuguesa, em 1808, junto com a Missão Artística Francesa, que era chefiada por Joachim Lebreton, em 1816. (Karolinny Rosa Brito da Rocha, 2019).¹

Em minas o neogótico só chegou em um quarto do século, com implantação de ferrovias e o estímulo da economia, e aproveita para modernizar com os produtos gerados pela revolução industrial, como o vidro, ladrilho hidráulico, utilizando o gesso, concreto e outros matérias.

Observando o estado de Minas Gerais e considerando a sua economia e a arquitetura tradicional, deu a entender que o século 19 não tinha passado por ali, ao invés disso chegou direto para o século 20, deixando de fora alguns lugares com a Zona da Mata ao triângulo Mineiro e o Sul de Minas.

O Neogótico ocasionou, grandes edificações sendo oficiais e residenciais, e muitas igrejas, uma delas é o Santuário do Caraça, onde tinha sido idealizada com uma pequena capela (Ermida do Irmão Lourenço) de feição colonial e altares de talha barroca, teve seu projeto mudado para uma construção ampla e verticalizada. A capela do Ermitão Lourenço se tornou a pioneira acerca de monumentos neogótico em Minas Gerais, onde foi consagrada na data de 27 de maio em 1883.

2. METODOLOGIA

O Neogótico sendo fonte de inspiração de modernidade em algumas cidades da Zona da Mata e em algumas regiões de minas, por intermédio de pesquisas e fontes

¹ (Karolinny Rosa Brito da Rocha, 2019)

históricas realizar um estudo, e entender como foi a sua formação e quais foram as inspirações que levou a esse estilo arquitetônico.

Para entender acerca do Neogótico, temos que falar sobre um grande teórico e estudioso, considerado um dos pioneiros sobre esse tema Viollet-le-Duc, foi que ajudou na propagação do movimento no seu país de origem a França, ele pensando no conceito moderno de restauração, tentou estabelecer princípios de intervenção em monumentos históricos e uma metodologia a ser usada nas obras, e um dos responsáveis pelo reconhecimento do Gótico sendo de grande importância entre as etapas da história da arte ocidental, e também servindo de inspiração para o neogótico.

Por intermédio de pesquisas em documentos e arquivos públicos, entender como foi a vinda do Neogótico em Minas Gerais, dando ênfase a Zona da mata na cidade de Ponte Nova.

Na cidade Ponte Nova podemos estabelecer uma linha evolutiva, levando em consideração como foi inserido o seu povoado naquele período e a evolução da economia, seguindo junto as mudanças arquitetônicas que a Matriz São Sebastião sofreu durante o tempo, chegando até a sua atual edificação atual.

3. RESULTADOS

3.1. A criação no neogótico e suas características.

3.1.1. História do Neogótico

O gótico teve uma grande importância para arquitetura, onde teve seu início no século 13 ao norte da Europa e foi difundido por toda ela. Era uma arquitetura que foi considerada barbara, e simultaneamente como sendo iluminada, pelos seus grandes arcos ogivais e seus vitrais que deixava a luz passar para dentro das grandes catedrais.

É também no amor à luz que se inspiram os arquitetos ocidentais. Desde antes do gótico se celebram, entre as belezas das novas igrejas, não só sua grande amplitude de e

sua riqueza, como também sua claridade e cor. A forma arquitetônica do gótico se caracteriza tanto pela luminosidade como pela verticalidade. (Furtado 2005, p.30, apud Bruyne, p.16).²

Pegando algumas referências do passado, o neogótico usou como modelo a arquitetura gótica e suas várias formas de expressão desse movimento, levando em consideração a sua história, a arte, a literatura, a arquitetura, a política e religiosa, servindo de inspiração para o neogótico. Na época se denominou como sendo “revivalismo”, onde se deu entender que estavam revivendo aquele estilo esquecido no passado, dando uma nova identidade e deixando para trás o sinônimo de arte barbara, característica que foi dada na formação do estilo gótico.

Esse estilo teve grandes conceituais da época que sabiam de arquitetura e sobre a restauração, como o francês Viollet-le-Duc, e os ingleses Jhon Ruskin que também era escritor e o Augustus Welby Northmore Pugin também percurso do neogótico tendo trabalhado em mais 100 edifícios, podendo se dizer que as suas atuações foram aproximadas no período do desenrolar do século 19.

Tinha-se um grande apreço em relação a época medieval afirmado pelo próprio Viollet-le-Duc que já em 1844, procuravam um jeito de trazer um pouco daquele estilo que já estava morto, para o seu presente, tendo então vários outros tentado terminar no que diz respeito a arquitetura gótica bem como as suas ideias estéticas que haviam transcendido com a passagem do tempo, onde que o John Ruskin protege esses edifícios que não sejam alterados. Ruskin pensava que devia ser de grande relevância conservar as características e aspectos do passado, usando como referência e não a modificando. (RUSKIN, 1940. p. 190-192, The Seven Lamps of Architecture.).³

O movimento neogótico vem para contribuir na conservação e restauração dos monumentos góticos, e na intenção de usar como inspiração esses objetos na formação das obras do estilo neogótico, identifica-se para que a mobilização em relação gótica revival é usado para apresentar diferentes tipos de ideia.

A catedral, tanto a restaurada como a construída, por exemplo, era simultaneamente tida como ponta de lança de renovação da fé católica e ponta de lança de renovação da fé protestante; símbolo nacional francês e símbolo nacional inglês; exemplo de

² (Furtado 2005, p.30, apud Bruyne, p.16).

³ (RUSKIN, 1940. p. 190-192, The Seven Lamps of Architecture.).

democracia, para defensores da República, e fruto do poder monárquico, para os adeptos da Restauração; idealização romântica e prefiguração moderna etc. (PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. O Revivalismo Medieval e a Invenção do Neogótico: sobre Anacronismo e Obsessões. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011).⁴

O Viollet-le-Duc sendo considera um dos mais relevantes e conceituas teóricos da época, participou de projetos e fez relatórios sobre edificações neogóticas daquele período e também escreveu várias obras, uma delas sendo a *Dicionário de arquitetura francesa do XI ao XVI século*, sendo uma sequência de 10 livros que ficaram bem conhecidos, outra obra que não teve tanta ênfase em sua carreira, mas teve uma grande repercussão foi a *Do estilo gótico ao século XIX*, onde ele defende os ideais do neogótico, sendo um jeito de poder responder o manifesto feito pela a própria instituição francesa a academia de Belas Artes da França.

Figura 2 - Gárgula da Catedral de Amiens Desenho de Viollet-le-Duc



Fonte: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/o4.044/3153>

Esse manifesto foi intitulado *Considerações sobre a questão de saber se é adequado, no XIX século, para as igrejas construção em estilo gótico*, que teve a

⁴ Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011).

assinatura do Raoul-Rochette tinha a ocupação de secretário geral da academia de Belas Artes, criando um grande alvoroço e sendo divulgado pela imprensa daquela época, publicando um pequeno resumo no jornal *Le Moniteur des Arts. Varios*. O que chamou a atenção de outros adeptos do revivalismo do gótico, como o amigo de Viollet-le-Duc o Jean Baptiste Lassus que tinha participado da restauração da Catedral de Notre-Dame e era editor do *Annales archéologiques*, onde Viollet tinha publicado a sua obra reprimindo o manifesto contra o neogótico.

Para o Viollet-le-Duc não é necessário começar a construir novas edificações góticas, porque ele não ver o passado muito distante do presente, onde o gótico não tem uma diferença quanto ao neogótico, na obra em que publicou respondendo o manifesto no qual declara o seu pensamento.

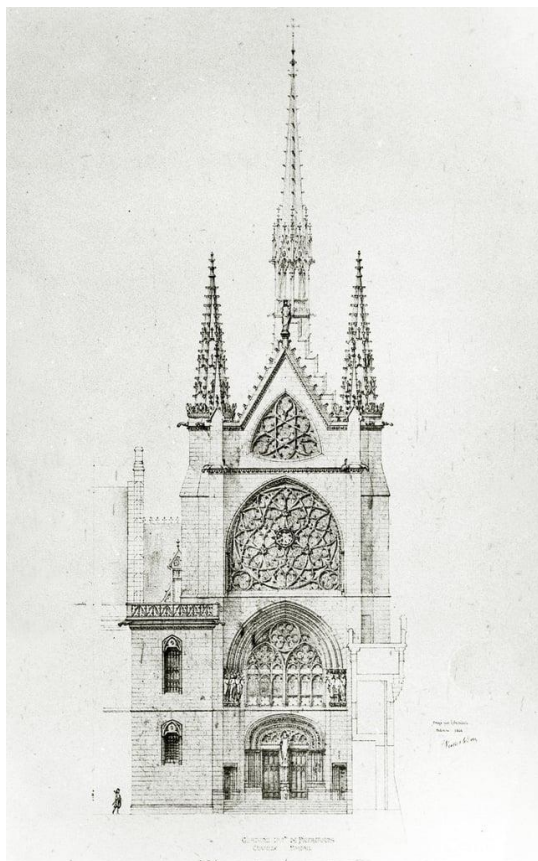
"É oportuno, no nosso tempo, construir uma igreja no chamado estilo gótico, isto é, copiar o que, na época da Idade Média, tinha o seu significado, e isso por causa das crenças e necessidades daquelas mesmas vezes?" (VIOLLET-LE-DUC, Do Estilo Gótico ao Século XIX, 1846. p. 3)⁵.

O Viollet-le-Duc entendia que não importava quanto tempo se passava ainda a igreja a todo momento teria o mesmo propósito, que mesmo sendo um estilo renovado, a função dela e de levar os fiéis a se aproximarem mais de Deus, não muda independente do seu estilo arquitetônico ou ano de construção, onde mesmo o gótico sendo mais antigo e aceita pela sociedade, não tem diferença para o neogótico que vai ter tendo a mesma atribuição. (VIOLLET-LE-DUC, Do Estilo Gótico ao Século XIX, 1846.p. 5).⁶

⁵ " (VIOLLET-LE-DUC, Do Estilo Gótico ao Século XIX, 1846. p. 3)

⁶ . (VIOLLET-LE-DUC, Do Estilo Gótico ao Século XIX, 1846.p.5)

Figura 3 - Desenho para a restauração da capela, Château de Pierrefonds, 1864.



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Eugene-Emmanuel-Viollet-le-Duc/270169/Desenho-para-a-restaura%C3%A7%C3%A3o-da-capela,-Ch%C3%A2teau-de-Pierrefonds,1864.html>

A denominação “neogótico” jamais foi abraçado pelo Viollet-le-Duc e por parte de outros conceituais da época, já que essa palavra poderia dar entender que tinha alguma diferença com gótico, então estava fora de cogitação. Houve alguns casos isolados que fizeram uso do neogótico como o do conde Charles de Montalembert que era escritor e militante católico 1835, e o John Ruskin criou um outro termo o qual era “modern Gothic architecture”, sendo a única vez que foi empregado. (RUSKIN, John, *The Lamp of Beauty, cap IV.* p. 112 - 124, 1940.).⁷

Outro pensamento importante do Viollet-le-Duc no qual faz parte do seu discurso, em relação a coletividade, onde que para poder construir as catedrais precisa da cooperação de um número grande de indivíduos no intuito de que essas tarefas fossem divididas igualmente, não tinha mais a escravatura tinha sido extinguida todos tinham os

⁷ (RUSKIN, John, *The Lamp of Beauty, cap IV.* p. 112 - 124, 1940.)

mesmo direito, de modo que na Inglaterra essa proximidade do gótico e neogótico, o democratismo e o socialismo já era algo mais palpável, junto com o apoio do John Ruskin e de William Morris.

Na Inglaterra o Ruskin já havia escrito algumas obras sobre o “revivalismo gótico”, sendo que um dos capítulos chamado de “A natureza do gótico”, que teve mais importância publicado no Pedras de Veneza em 1851 tendo grande repercussão, seguindo o movimento revival europeu, e também fazendo parte de outras mobilizações decorrentes como o Wiener Werstätte de Hoffman e Moser⁸ e o Arts and Crafts de William Morris.

O Morris sendo um dos entusiastas do movimento achou incrível o capítulo escrito por Ruskin, e para ele era obrigação de todos lerem. Onde o próprio pegou o capítulo e o republicou com aspecto de um panfleto na Kelmscott Press em 1892, e o distribuía em suas palestras aos colaboradores e em reuniões da liga Socialista. Um prefácio escrito por Morris deixava bem claro a admiração pelo o texto dizendo que “seria considerado no futuro umas das poucas e necessárias declarações do século [e que] parecia a nós, quando é a primeira vez que vamos ler, nós aponta um novo caminho que deveria ser trilhado no mundo” (Morris, 1993:367). Até tendo feito comparações entre Ruskin a Owen e Fourier, afirmando que Ruskin era superior por ter entendido que arte segue o que homem acha prazeroso no seu trabalho e que a política não deveria perseguir, sendo que era algo inútil. O conceito do Ruskin, considerava o arco ogival, rendilhado, arcobotante, um sinônimo de fantasia e liberdade para quem confeccionava grandes obras. Podemos dizer que o neogótico era uma forma de manifestar um estilo original, de forma mais nobre e com valores, sendo um estilo nacional, não sendo corrompido e cristão.

Isso que o gótico revivido, foi tema de vários debates, criando uma briga incoerente, sendo hostilizado como um estilo pobre e sem inovação, ao invés de criarem

⁸ O “workshop de Vienna” (Wiener Werstätte) foi estabelecido em 1903 como uma associação (ou cooperativa, como se autodenominava) de Artes e Ofícios, com a fabricação de objetos de vida cotidiana regidos pelo uso de formas geométricas e estilizadas. O movimento derivava da Secessão Vienense (Sezession) sendo no século 19 e seus fundadores, Josef Hoffmann e Koloman Moser, conseguiram reunir cerca de 100 artesãos, já em 1905. Cf. Cumming e Kaplan, 1993: 198-200.

algo novo preferiram resgatar o passado, que já não condiz mais com época que estão vivendo.

John Ruskin e Augustus Welby Northmore Pugin foram de grande relevância defendendo o “Revivalismo Gótico” na Inglaterra, houve uma outra pessoa que ajudou no movimento, onde que na história foi considerado o começo, sendo construído a primeira edificação neogótica perto de Londres (Strawberry Hill, em Twickenham, 1770) sendo a villa Horace Walpole. John Britton (1771-1857) era também considerado uma terceira peça, junto ao de August Charles Pugin, que colaboraram com a divulgação do movimento *gothic revival*, pelas páginas da *Gentleman Magazine. Autor de Architectural Antiquities* (5 volumes, entre 1807 e 1826) e *Cathedral Antiquities* (4 volumes, 1814-1830) e sendo o patrono a respeito de uma obra do August Pugin e E.J. Eilson (*Specimens of Gothic Architecture*, 1821 e 1825). Teve uma serie de pranchas detalhadas e estudos em cima de edifício cortes, tentando fazer algumas correções arqueológica ao gótico, tudo feito pelo Britton. (Crook,1978. p.53 et seq.).

Quando começou o neogótico, foi inspirado na estética romântica do setecentos, veio como exemplo obras das Casas do Parlamento, “a pedido do governo o monumento fosse considerado um edificio sendo do estado das artes dentro do país”⁹.Do jeito que o neogótico foi tomando grandes proporções, e sendo empregado em mais de 40 catedrais e igrejas do Sir George Scott (1811-1878), em Londres também tinha outra da sua criação o Albert Memorial (1864-72).

⁹ Essa ainda era a opinião quando o prédio entrava na fase de ornamentação. “Decorations of the House of Lords” mencionado em *The Builder*, 27 setembro 1845.

Figura 4- Albert Memorial logo após sua construção,1876.



Fonte: https://www.wikiwand.com/en/Albert_Memorial.

O neogótico se tornou um estilo que buscava a religiosidade cristã perdido no passado, isso começou em Paris e ao norte da França, junto da Saint-Denis e Chartres, isso dentro do século 19. Dando vida ao antigo gótico, utilizando os vitrais, arco ogival, de abobadas em nervuras criando teias de pedra, ressuscitando toda aquela atmosfera do longínquo cristão e trazendo novas formas, trazendo suas origens. O movimento cresceu muito rapidamente, num instante outros países como o norte da Europa, França, e Alemanha, chegando até no Estados Unidos. Obras como Grace Church e em prédios circundantes de James Renwick (1843-46), em Trinity Church (1840-46) e também Patrick Cathedral (1858-79), sendo todas na cidade de Nova York. Os estilos arquitetônicos que diziam ser lógicos, mantiveram as características da arquitetura gótica fora das edificações na França. Contudo no séc. 19, em direção a burguesia resolveu custear a cultura medieval, como também havia acontecido na Inglaterra, onde já estava rolando um alvoroço naquela época. A Escola de Belas Artes que fica em Paris, teve uma grande importância, na parte de disseminação, da qual era um seguimento Historicista (ecclético), que foi difundido para todas as Américas, chegando até o Brasil.

Figura 5- Saint-Denis durante no meio do séc. 19, Ilustração de Abbayes et Monastères (1870)



Fonte: <https://www.monestirs.cat/monst/annex/fran/illaf/cdenis.htm>

Figura 6 - Fachada da catedral de Chartres Notre – Dame, 4° arrondissement, séc. 19 a 20, Paris.



Fonte: <https://www.parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/facade-de-la-cathedrale-notre-dame-4eme-arrondissement-paris-0#infos-principales>

Durante a Renascença Italiana, o termo “gótico” foi usado para hostilizar, os símbolos do período medieval, sendo considerado bárbaro (godos), e não agregou nada de importante para arte. Dentro do século 19 no qual conseguiram entender, toda a cultural medieval, mostrando que as suas manifestações artísticas, considerado um estilo contemporâneo, sendo símbolo de religiosidade e enaltecendo o trabalho do homem, e seguindo os requisitos de funcionalidade e finalidade. A expressão “gótico”, é descrita como um estilo arquitetônico, de manifestações do “estilo cristão”, “estilo inglês” e arquitetura de arco ogival”, podemos usar como modelo o “inglês primitivo” termo empregado pela Sociedade dos Antiquários, e sendo celebrado por Rickman em seu livro *Attempt to Discriminate the Styles of English Architecture* de 1819, onde ele cita edificações que não consegue identificar os estilos por meios de outras arquiteturas passadas, onde considerou a arquitetura neogótica dando o reconhecimento. E por esse motivo sendo capaz de reconhecer o estilo gótico e um estilo extremamente original nacional.

Estilo tomou conta da Inglaterra, foi difundido em catedrais, bibliotecas halls, mansões e em prédios públicos como escola, quem apreciava o estilo contribuiu com a restauração feitas em construções medievais. O princípio do revival gótico, dentro do século 18 dando sequência ou não, até o neogótico mais contemporâneo, foi um grande caminho percorrido e difícil, sendo compreendido e fazendo parte da história.

Não tem como determinar como de fato surgiu o revival, no qual para alguns autores da Inglaterra da época, declaram que a arquitetura gótica de fato nunca parou. Então o revival gótico associava-se aos conceitos do término no século 18, paralela à determinação sem referências da sociedade industrial urbana (Argan, 1985).

As poéticas do pitoresco, grosso modo, viam a natureza como ambiente acolhedor que recebia alterações pontuais por parte do homem, enquanto o sublime implicava um ambiente hostil que transcendia as dimensões humanas. (MENEGUELLO, Cristina. 2000. p. 140.)¹⁰

O Ruskin fala que muitos termos foram usados e tiveram diferentes percepções, mas não igual o pitoresco¹¹. Bem no começo no século 18, o termo *pittoresco* usado para detalhar pinturas na Itália e *picturesque*, dito na Inglaterra, sendo também vinculado na parte estética junto da cultura, como admiração do passado, da natureza e das ruínas arquitetônicas.

Para os pintores que captam uma paisagem ou algo, e retratam na sua obra o modo como veem aquilo, é o que tem a ver com o pitoresco, é retratar uma realidade, e essa realidade mudar conforme com quem a retrata.

Sobre o sublime podemos dizer que te leva do céu ao inferno, como poesias sentimentais e ir até o cemitério ou em ruínas, e escolher sensações fortes como o horror. Na análise do Edmund Burke, ele diz que se senti bem com o prazer no risco está tão perto, dá um exemplo, na utilização de grandes proporções arquitetônicas. (Burke, 1994:58,81). Onde o Burk também achava algo não racional de ação do indivíduo, o

¹⁰ (MENEGUELLO, Cristina. 2000. p. 140.)

¹¹ No capítulo “Lâmpada da memória” de seu *The Seven Lamps of Architecture*, Ruskin descreve exemplos de pitorescos na pintura, na escultura e na arquitetura. Ali tudo o que era sublime pode

impulso por conservar algo, que seja acionado pela dor ou o risco, de um aspecto como belo e o sublime.

Uma boa forma de manifestação era os jardins ingleses, e simultaneamente dava um ar de algo desagradável espontaneamente, também era apreciado pela sua forma exótica. Como a o Burke havia dito autopreservação já é eminente, por recurso de instrumentos - vulcões, rios serpeantes, bosques com arvores amontoadas seguindo um movimento irregular, quedas d'água, cavernas subterrâneas. Os jardins geometrizados sendo algo desagradável aos olhos, comparado aos jardins pitorescos que são formar artística da natureza.

“As colinas, os riachos, os grupos de árvores, as pequenas construções espalhadas (...) deem ao lugar uma aparência de “agradável desordem”, de “controlada confusão”, de forma que (...), por caminhos tortuosos ou envolventes, deparemos, como que por acaso, uma vista particularmente bela ou qualquer outro objeto agradável”. (Morris, 1993: p.16)¹²

O autor Charles Eastlake escreveu uma obra em 1870, o qual denominou “mostrat uma experiência de como o gosto pela arquitetura medieval aonde se conservou na Inglaterra nos últimos dois século tem sido encorajada e desenvolvido”, e outros autores que pensavam sobre mesmo aspecto como Kenneth Clark, que em 1928, fala sobre o revival gótico na verdade seria survival (sobrevivência), declaro em relação ao neogótico, na verdade é o que sobrou do gótico da Idade Média, foi evoluindo e ganhando mais volume no século 18, sendo renovado pelos antiquários e literato. Utilizaram da arquitetura da idade média em edifício do século 19, só dando prosseguimento em um estilo que não estava morto.

Uma discussão abordada a muito tempo no séc. 18, sobre a arquitetura gótica dela ter uma forma barbara, onde volta à tona com a arquitetura neogótica no séc. 19, onde se propões ser uma cópia ou ela sobreviveu e se desenvolveu. Para o Mourdant Crook (1978), tem uma grande diferença ente o gótico do séc. 18, sendo denominado “gótico pitoresco”, que começa em 1830, deixando de lado toda a filosofia pitoresca e sua liberdade de imaginar, fazendo pesquisas mais profundas em fontes arqueológicas, pesquisando e estudando o gótico, aí pode se dizer que é revival. Dizer que o gótico é a

¹² (Morris, 1993: p.16)

continuidade do passado, é supor que os ingleses, sempre teve a completa sabedoria das características do estilo da idade média, sendo que outros países que tivesse alguma edificação, poderiam sim ter dado seguimento. Alegando que segundo o gótico era na verdade continuidade, e esquecer como foi o primórdio do revival.

Ao redigir a “Epistola a Lorde Burlington” de Alexandre Pope isso no ano 1751, o bispo Warburton, cria uma história de como começou o estilo gótico, onde fica contra aos princípios clássicos e protegendo o gótico que tinham “noções mais exatas e viris que a moderna imitação da magnificência grega e romana” (apud Schama, 1996, p.236). Simon Schama cita acerca da memória, está associado com a paisagem, sendo que o ambiente natural em geral é compreendido em seu aspecto mais extenso, até mesmo o que tenha interferência do homem no espaço natural ou reestruturação dele, para o teu interesse particular. Podemos observar dentro do séc. 18, projetos de jardins para vilas, nos quais tem afeições em alguns lugares com natureza verde, com pedras, águas em harmonização característica atraente e mitológico.

O Schama acredita que os trabalhos realizados por Warburton são estudos historiográficos importantes e sendo os primeiros a respeito desse assunto, onde relata que o estilo gótico no seu primórdio é bem mais distinto que o clássico. Uma das opiniões Warburton, onde ele diz.

“Quando os godos conquistaram a Espanha, e o calor do clima e a religião de seus antigos habitantes atilou seu ânimo e inflamou sua equivocada fé(...) eles criaram uma nova espécie de arquitetura, desconhecida na Grécia e Roma; com base em princípios originais e ideias muito mais nobres do que as que haviam dado origem à magnitude clássica. Para esse povo do Norte, acostumado durante o paganismo a venerar a divindade em GRUTAS (...), quando sua religião necessitou de edifícios, eles engenhosamente os projetaram para se parecerem a grutas, tão próximos quanto permitia a arquitetura (...), com uma avenida de grandes árvores entrecruzando seus galhos(...). Essa foi a ARQUITETURA GOTICA. Não traria nenhum descredito aos mais dedicados admiradores de Jones e Palladio aceitar que ela possui seus méritos. Eles devem ao menos confessar que ela teve um nascimento mais nobre, embora de pais mais humildes, que a ARQUITETURA GRAGA E ROMANA”. (Apud. Rykwert, 1997. p.95-97).

Segundo o Schama relata que arquitetura gótica associa a uma maneira de devoção bem nos primórdios, pelo acontecimento do cristianismo ter restaurado e usado junto com a fé e as crenças pagão por árvores e matas, podendo dizer que o estilo em si,

manifesta uma religiosidade autêntica, e que nunca aconteceu alguma outra história igual. O historiador das artes Karl Oetthinger tinha uma visão de coros, púlpitos arborescentes e vegetais em pórticos deixando a catedral parecendo um jardim igual um paraíso. Onde Vitruvius era conhecedor desse assunto, um respectivo pensamento do *De architectura*, relatando como a arquitetura se desenvolveria de um simples barraco de barro, galhos e folha achava do mesmo modo do homem em si, era dotado de inteligência e competência, para construir qualquer coisa sobre ou seus pés, usando os braços e as mãos.

“Iniciaram a construir abrigos. Alguns os fizeram de ramos verdes, outros cavaram cavernas nos lados das montanhas, e alguns, imitando os ninhos das andorinhas e sua maneira de construí-los, fizeram seus refúgios com lama e galhos. Em seguida, observando os abrigos mediante ao desdobrar do tempo. E como eram de natureza imitativa e disposta a aprender, diariamente mostrava uns aos outros seus resultados, gabando-se por suas novidades; e com seus dons incentivados pela competição seus padrões melhoraram diariamente”. (Vitruvius, 1960. p. 38-39)

Parecia que a arquitetura tinha se desenvolvido de uma simples cabana feita de galhos e barro, sendo uma forma de quebrar a barreira da natureza com a arquitetura como o próprio Oetthinger relatava. A obra *Características da arquitetura gótica*, ele aponta que “a essência do gótico está no poder de criar, como a própria natureza, uma infinita multiplicidade de formas e ornatos florestais. Daí os inexauríveis e incontáveis detalhes decorativos, daí o elemento vegetal” (Apud. Schama, 1996.p 143).

A ideia que arquitetura gótica, sendo o primórdio dos estilos arquitetônicos, foi fixada e adotada novamente no séc. 18. A feita uma explicação sobre as ruínas de Manchester, sobre uma a *Itinerarium*, o Stukeley também relata acerca da fonte do gótico que natural, associado as árvores. Uma alegação sobre as práticas de sir James Hall, a respeito de qual técnica lá nos primórdios foi usada, onde consiste em colocar em arcos vegetação, para que ela cresça e que os brotos nela se desenvolvam de forma natural, algo um pouco inusitado como parte do argumento, sendo o presidente da Royal Society da Escócia, e só foi capaz de construir a sua “cabana” em 1797. Hall indica em relação aos seus autores do estilo neogótico, “sendo guiados por princípios e não como muitos alegam, por capricho ou fantasia (apud Rykwert, 1997, p. 87). O Schlegel já não concordava com o pensamento do Hall, a sua opinião em relação a esse tema é que o gótico surgiu por ele próprio, sendo o “espírito gótico”, não que tenha vindo da natureza ou das adversidades da vida. A arquitetura clássica e gótica, se a segura do ato de um

desenvolvimento natural, onde os estilos podem evoluir de forma livre, sem padrões impostos, sinalizando a ligação religiosa, diferente da argumentação de ser algo racional, uma ideia vinda dentre um agrupamento de indivíduos no qual foi amadurecendo até chegar nas formas de agora.

O modo como foi traçado os fundamentos no séc. 18 e 19, acerca do conhecimento do estilo gótico, onde dizem que em relação ao seu desenvolvimento orgânico e modelos natural, e sendo dos primórdios antes do estilo clássico, junto com a sua conexão entre a religiosidade ancestral e a natureza.

Mas ainda a indagação que rodeia, é em relação ao termo que melhor se encaixa, sendo o “survival” ou “revival”. Os seguidores da teoria do “survival”, tem a ideia que está associado como realização dos pitorescos jardins inglês, obras como mansões e vilas, afirmando que a arquitetura gótica observando a Inglaterra que jamais tinha sido esquecida na realidade. Outro posicionamento tomado por Worsley (1995), apontava que não havia acontecido a “sobrevivência gótica”, mas a “tradição gótica continua”. Argumentando sobre o conceito do gótico “revival”, deixando o estilo como uma linha continua que nunca cessou na arquitetura inglesa. Segundo o Worsley o jeito dissimétrico tinha tomado conta das edificações góticas, onde cita a Strawberry Hill de Walpole, um edifício no qual sendo considerado o pioneiro entre os exemplares do neogótico, e sua falta de simetria proposital, levou muitos autores e estudiosos e o próprio Worsley, considerar como eventualidade.

Figura 7- Strawberry Hill por William Marlow, 1776–1780.



Fonte: http://www.vam.ac.uk/content/articles/h/horace_walpole_exhibition/

O Simon Schama discorda, e fala sua opinião acerca da casa de Walpole, sendo um acúmulo de “ninharias e bagagens” (Schama, 1996 p.237), onde em um pavilhão da casa havia vários detalhes decorativos. A casa que Walpole havia feito para ser um modelo de religiosidade, nem a obra sobre constituição de jardins (*History of the modern taste in gardening*), no qual falava em relação a padronização dos jardins como o de Versalhes, e enaltecia os obelisco e templos que seguiam o estilo da Arcádia de Virgílio, com vegetação rustica, pela sua perspectiva, para Schama isso não tinha nenhuma relevância.

O próprio Schama está preso na teoria, do Sir James, sobre a junção das decorações que reproduziam de um jeito modesto as características da natureza, fazendo testes para idealizar arcos góticos que de uma forma floresciam, explorando as técnicas genuínas dos primórdios dos arquitetos da arquitetura gótica¹³.

Walpole junto com Bentley, criaram diversas pranchas, onde que imitam vários exemplos da arquitetura gótica, com exatidão, mas ajustando para a aplicação no uso doméstico, o Walpole escreveu o romance Castelo de Otranto (*Castle of Otranto*, 1764), sendo um jeito de comemorar essa expressão. A vila que o Walpole criou Strawberry Hill, referindo ser um acaso góticos, uma amostra, mas não uma

¹³ Blondel, na França, também se dedicou à hipótese das “origens silvestres” do arco ogival em seu *Architecture française de 1752* (apud Lanson. 1926.p. 33)

singularidade, onde uma mansão Lee Priory em Kent, feita por James Wyatt, 1785, onde o respectivo Walpole denominou como “filha de Strawberry mas mais bela que sua mãe” (apud Clark, 1995.p.63). Mediante a grande concordância no uso do dissimétrico, foi proporcionado no séc. 18, na direção da disseminação do gótico, não era mais só empregado nos aspectos da restauração, detendo um valor essencial como no estilo clássico, graças aos serviços dos arquitetos Wyatt e Nash. O próprio Wyatt ergue para o escritor W. Beckford, em 1796, a moradia *Fonthill Abbey*, do jeito que o dono da edificação, pertence a “alguma edificação ornamental que tenha aparência de um convento meio em ruínas, mas que contenha alguns cômodos ao abrigo das intempéries” (apud Benevolo, 1994.p.84). Essa obra gerou julgamentos hostis a respeito dela, feitos por Henry-Russel Hitchcock (1993), no qual fala que foi muito construída e com pouco durabilidade, não durando nem uma geração, agora ela só pode ser observada, mediante a gravuras e livros do período.

Figura 8 - Vista das frentes oeste e norte das Delineações de Fonthill de John Rutter (1823).



Fonte: https://stringfixer.com/pt/Beckford%27s_Folly

A catedral de Estrasburgo construída pelo arquiteto Erwin von Steinbach, símbolo de exaltação ao gótico XVIII, onde o Goethe faz um relato, onde fez diversas visitas em 1770, no qual fica maravilhado diante a edificação, em concordância com que ele escreveu em sua autobiográfica:

“O que eu não podia compreender, das primeiras vezes, é que eu considerava aquele milagre como algo monstruoso, que deveria me aterrorizar, salvo se fosse tornado compreensível para mim por sua regularidade(...). [Mas] quanto mais eu estudo a fachada (...) mais a primeira impressão de que aqui o sublime se aliou ao prazeroso fica mais forte e profunda (...).

Quando eu primeiro fui a catedral, minha mente estava cheia de noções gerais sobre o gosto. Eu celebrava, por assim ouvir dizer, os princípios da harmonia das massas e da pureza das formas, e era o inimigo declarado dos caprichos confusos do ornamento gótico. Sob a palavra gótico, como se num verbete de dicionário, eu compilava todos os equivocados sinônimos que passassem pela minha cabeça relativos a indefinido, desordenado, inatural, emendado, remendado e sobrecarregado. Não sábio do que as pessoas que chamam de ‘bárbaro’ tudo o que não conhecem no mundo, eu chamava gótico tudo o que não se encaixava em meu sistema. Não fazia distinção entre as máscaras e os ornamentos com que nossa nobre burguesia enfeita suas casas das impressionantes relíquias de nossa antiga arquitetura alemã. ” (Apud. Bann, 1995. p. 82-83).

Figura 9 - Estrasburgo e a catedral em 1869 de Charles David Winter.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Strasbourg,_vue_g%C3%A9n%C3%A9rale_avec_la_cath%C3%A9drale_de_face.jpg

Para Goethe era novo isso assimétrico, onde que ele achou algo fora do comum em sua primeira ida até a catedral e. Ele entendia que o crescimento na apreciação da assimetria, era algo prossegue de um ato mais profunda que liga princípios do nacionalista e românticos o conhecimento acerca do encanto a qual não era originaria da razão, como apontava o Burke. O Goethe achava que o entendimento em relação a Catedral de Estrasburgo, era uma vivencia que não tinha logica, sendo uma iluminação literalmente, “uma imensa e total impressão inundou minha alma-pois ela na qual a Catedral sendo composta de mil detalhes em harmonia que eu podia experimentar e apreciar, mas não reconhecer nem explicar. O júbilo no Paraiso – dizem – é assim”. (Apud. Rykwert,1997. p. 88).

A apreciação pelas Catedrais que fizeram parte da época de Goethe, o autor René Lanson chega a esclarecer, que essas edificações não foram esquecidas e perderam espaço na cabeça das pessoas, de um jeito ou de outro havia um carinho por elas. “Os turistas jamais cessaram de visitar os monumentos da Idade Média (...), o povo sempre amou suas catedrais” (Lanson, 1926. p.32). Se observamos o gótico atual, foi fundamentado e reformulado, usando modelos do passado seguindo as estéticas e da gloriosa pátria, aonde não se baseava em uma herança do longínquo, sendo difícil de acreditar com a inexistência das evidencias sem fundamentação. Conforme o Goethe, ele só ficava admirando as catedrais encontra-se sendo “restaurada”, e ampliando o estilo

neogótico, deixando de olhar os princípios coletivos duradouramente aconchegados. Pelo fato que o Goethe não conheceu o conceito contemporâneo de restauração e nem os fundamentos da arquitetura gótica, não podendo avaliar os aspectos das composições físicas e ficar horrorizado com qualquer acréscimo ou mudança executada.

Pode-se dizer mais: para Goethe a não-apreciação da catedral medieval não se devia a um erro de julgamento estético, mas a uma falha na consciência nacional alemã. Ao voltar várias vezes a Estrasburgo e ao escrever vários textos sobre esse tema, Goethe afirmava uma arquitetura alemã original, numa busca de sentido de caráter nacional: o objetivo catedral ganha uma existência ideal, independente de todos os acréscimos e do reformar sofridas até aquele momento. Longe de estar criando um reino histórico imaginário, Goethe estava criando novos símbolos acessíveis por meio dos quais a experiência concreta da história podia ser lida e compreendida (Bann, 1995 apud MENEGUELLO, Cristina. 2000. p. 149.).¹⁴

Muitos artistas do século, se consolidaram e demonstraram as relações entre a natureza com a confirmação e exaltação do povo alemão amostras de catedrais abandonadas aos fantasmas, sobressaindo entre a floresta, sendo consequência da pesquisa goethiana. A fonte de veracidade popular e da sua fictícia, onde consolida-se a arquitetura gótica como sendo efeito do ecossistema e arvoredos, Caspar David Friedrich evidencia com nitidez, essa união da natureza, montanha e floresta e catedral, onde tem alusão que as catedrais são escaláveis como as montanhas, e pela sua durabilidade. Ruskin descreveu o seu olhar sobre as montanhas; “(...) essas grandes catedrais da terra, com seus portões de rocha (...) coros de pedra e quedas d’água, altares de neve e tetos de púrpura atravessados por estrelas.”¹⁵

O Goethe tinha a compreensão que na época medieval, essa ilustração do arquiteto era como um mestre além de fazer o projeto, ele ainda ajudava a construir com as próprias mãos, e vai descrevendo pedaço por pedaço da catedral, como se estivesse sendo direcionado ao “mestre-arquiteto” Erwin von Steinbach, isso tudo ocorreu na sua última ida a catedral de Estrasburgo. Ruskin e William Morris foram dois simpatizantes da alusão que o arquiteto da idade média, sendo um sujeito comum e religioso, que não sabiam de muitos detalhes sobre a sua obra.

¹⁴ (Bann, 1995 apud MENEGUELLO, Cristina. 2000. p. 149.)

¹⁵ “The mountain Glory”, *Modern Painters* cap. 20 (apud vol. IV. Cap. 20 in Roe (ed.). 1979. p. 56)

O caminho percorrido pela arquitetura neogótica, meados do séc. 18, tem uma complicada preferência política e estética, é relevante entender que tenha uma peculiaridade na mudança para o neogótico inglês no séc. 19; essa peculiaridade seria a aplicação no passado, bem no começo, no patriotismo, na elevação do espírito nacional em direção a uma Inglaterra dentro de si mesma revolucionada, onde a preferência estica dessa região que a arquitetura da renascença, teve a sua chegada um pouco atrasada.

Caso aparecesse a tarefa com o proposito um guia de arquitetura, com toda a certeza empregaria nas seguintes folhas, detalhar minuciosamente todos os aspectos que define o estilo neogótico, como o as abobadas nervuradas, o arco ogival, a ornamentação de pedra e vitrais, levando a deixar de lado as palavras de Ruskin, relatando que, não existe como compreender os aspectos sem perceber onde desloca, no qual é mutuo.

O neogótico não teve o desinteresse dos contemporâneos, ao invés disso, diversas construções do passado da arquitetura, foram sendo estabelecidas, no decorre do ápice dessa arquitetura em si, havendo aprovações, descrições, analogias e julgamentos. As primeiras obras que surgiram na Inglaterra e sendo considerado o precursor, escreveu em 1870, o *Gothic Revival*, só sendo publicado um tempo, no qual quase depois quase 2 anos, do autor Charles Eastlake (1836-1906). Mas bem no começo no séc. 20 o Kenneth Clark (1903-1983) também escreveu *The Gothic Revival*, publicado em 1929, onde citou que o assunto revival gótico, era merecedor de ser aprofundado um estudo, já que ele mesmo tinha várias incertezas revelador por si mesmo, na introdução do livro. Henry-Russell Hitchcock acompanhou o Clark, e em 1929 lançou (*Modern Architecture*), apesar da sua interpretação não sendo muito boa acerca da arquitetura neogótica jamais tenha colaborado no crescimento do estudo em especial, ocorrido em seus próximos trabalhos em 1950 (*Early Victorian Architecture*, de 1954 e *Architecture, 19 e 20 Centuries*, de 1958).

Os trabalhos de Clark e Eastlake não foi algo exclusivo, o que era distanciada de outras obras, havendo um grande número de insinuações precipitadas a observar que o historicismo e decadência da história e da parte artística. Os arquitetos vitorianos foram esquecidos e banidos, notou-se o Nikolaus Pevsner, achando isso uma lastima. Os historiadores perceberam e começaram a notar o envolvimento estético e político acerca do revivalismo medieval, desenvolvendo uma discussão direcionada a parte estética,

transformando-se em uma extensa discussão cultural, isso graças aos aprendizados vitorianos, por grande procura pelos arquitetos revival em 1970.

Eastlake e o respectivo *Gothic Revival*, por mero acaso do destino coincidiram com as últimas obras nesse estilo, sendo o *Albert Memorial* de G. Gilbert Scott e as Cortes de Justiça (*Royal Courts of Justice*) em Londres, pelo G.E. Street (1824-1881). Já começava a mudança para o coletivo do *Arts and Crafts*, traziam o novo ciclo de sua mobilização, onde foram desapegando do revivalismo, no qual diversos contemporâneos não entenderam a dimensão e o tempo das pesquisas do Eastlake. O *The Builder*, jornal o *The Times* e *The Athenaeum*, jornais e revistas da época que eram especializados em avaliações da arquitetura, descreveram sobre o trabalho de forma contida, apesar eu o *The Builder* tenha apontado “que seja um livro de hoje para hoje”.¹⁶

Figura 10 - Royal Courts Justice, 1926, Londres.



Fonte: <https://www.alamy.com/london-royal-courts-justice-window-the-corner-essex-street-1926-old-print-image336175604.html?pv=1&stamp=2&imageid>

Sendo realizado a avaliação por volta de 343 edificações, que compartilhavam do estilo neogótico erguidas em meados de 1820 e 1870, usando a interpretação Eastlake, que era abundantemente metodológica, onde contraditoriamente,

¹⁶ *The Builder*, 14 junho 1872.

era carregada de pouco defeitos. Os arquitetos responsáveis respondiam uma sucessão de perguntas, onde o Eastlake pegava essas informações e as usava, já que ele na verdade era um jornalista, não um historiógrafo da arquitetura. No decorrer de um bom tempo foi utilizado como guia o *The Gothic Revival*, só em 1970 que fizeram uma nova edição, não pela sua relevância sendo modelo na arquitetura, mas na contemporaneidade do reconhecimento de assunto vitorianos.

De maneira contrária do que habitualmente iria acontecer, o revival não deixou de ser inutilizado, mesmo “após Eastlake (...) o estilo só foi tratado novamente (...) com *The Gothic Revival* de Kenneth Clark” (dicionário Oxford de Arte, 1996.p. 375). Tiveram aplicações em críticas e historiográficas, sobre o tema naquele tempo, houve outras informações, sem contar a longínqua disputa entre o estilo medieval e o clássico sendo do séc. 19, denominado como “Batalha dos Estilos”, utilizada como parâmetro posteriormente.

Thomas G. Jackson lançou o seu livro *Modern Gothic Architecture* (1873), bem posteriormente a obra do Eastlake. “Por que fazer ao ressuscitar a arquitetura gótica? Porque uma nova arte deve surgir de uma antiga... O verdadeiro fim do Revival Gótico é fazer reviver não o gótico, mas a arte; é um meio, não um fim” (apud Patetta (org.), 1984.p. 228).

Dentro do séc. 19 as publicações periódicas peritas em arquitetura e as criações feitas pelo Eastlake e Jackson, foram o que deram espaço aos trabalhos que vieram depois do Kenneth Clark no ano de 1928. O Clark apresentou uma visão nítida sobre o estilo, bem no começo do livro *The Gothic Revival*, parecendo mais uma solicitação de desculpas acadêmica, a preferência pelo assunto, sendo apontado que o neogótico aprofundava em uma etapa obscura.

Segundo Clark cita que o revival seria “pertencendo a um estilo que não podemos ingerir” sendo “modelo daqueles períodos que se podia expor diretamente e muito desgostosa” (Clark 1995. p. 8-9). No entanto Clark inventou uma resolução para esclarecer no sentido que o revival reunia as obras dos arqueólogos, religiosidade e as artes plásticas, que funciona atualmente como estudo mais bem montado desse acontecimento.

Referente a ideia de carência de estética e aspectos do estilo neogótico, no qual foi um dos pioneiros a confirmar na matéria da historiográfica do movimento, e um desbravador sendo historiógrafo do movimento contemporâneo na arquitetura, o Henry-Russell Hitchcock, onde apresentou a sua obra em 1929, o *Modern Architecture: romanticism and reintegration*, no qual tinha conhecimento da obra do Clark Kenneth, onde recomendava para todos que estavam empenhado em relação ao revivalismo gótico, “uma mobilização que gerou quase nenhum frutos referente a boas edificações genuínas” onde “atualmente não somos capazes de associar a arquitetura romântica mas natural sem insatisfação, sem nos descontraímos – sendo-lhe planejada para promover as mais ricas sensações (Hitchcock, 1993.p. 65 e 14).

Pelas citações acima entendemos o posicionamento do Hitchcock diante do revivals medieval e clássico, na sua opinião os criadores de diversos trabalhos do revivalismo clássico que ficou populares e foram retratados literários e por imagens e nenhum momento edificados com grande relevância para a arte, e simultaneamente edificações erguidas por arquitetos entusiastas sem nenhuma experiência demonstravam somente a ampliação de um interesse pouco estudado (Hitchcock, 1993.p. 30).

Segundo Hitchcock, o medieval revival (conforma a expressão que elege) é uma das faces do “romantismo na arquitetura” e essa nova tradição na arquitetura, ligada ao ecletismo de estilo, é amplamente romântica, no sentido não-histórico do termo. O autor caracteriza de “longa noite do ecletismo do gosto” no instante em que vários estilos são utilizados contemporaneamente, mas cada edifício é construído exclusivamente em um estilo; e de “ecletismo de estilo” no instante em que vários estilos são utilizados em um mesmo edifício (Hitchcock 1993 apud MENEGUELLO, Cristina. 2000. p. 154.)

O Hitchcock viu os esboços das plantas desenhados achando aquilo maravilhoso o que sucedeu edificações com carente de alguma relevância, dos quais as características significavam mais como um símbolo ao invés da sua importância arquitetônica, dando a entender que na matéria da escrita a persistência românticas chegaram a ser muito mais eficazes. Fazendo uma menção ao Christopher Hussey Hitchcock, o Hitchcock aponta que no caso do Burke demonstrou um afeto e sentimentos era aspectos da compreensão da estética, se transformando em algo plausível “o enorme poema e a ordinária arquitetura do século 19 (Hitchcock 1993, p. 7).

Sob a influência de Hitchcock e de grande parte da produção de Nikolaus Pevsner, a apreciação do movimento neogótico por bastante tempo permaneceu atada unicamente a uma certa impaciência para por meio da aplicação dos aspectos do passado e a defesa de que a quebra desse padrão era condição “*sine qua non*”¹⁷ para o surgimento do movimento moderno na arquitetura. (MENEGUELLO, Cristina. 2000. p. 154.)

Houver um enorme estímulo sobre análises e estudos em cima dos estilos historiográficos no séc. 19, apesar que ocorreu uma diminuição, por consequência da simultânea compreensão do movimento moderno em 1950, onde encarava a primeira instabilidade. O neogótico sendo observado de maneira que o assunto extenso e consegue estimular uma nova ênfase acerca da sua importância, aonde que se pode declarar sem saber do tema, mas não aconteceu com os trabalhos historiográficos, mesmo não tendo obrigação de ser uma boa escolha. Tiveram diversas obras desenvolvidas em relação do assunto em questão, umas delas é o *The Return to Camelot* (1981), escrita por Mark Girouard, onde é feita uma conceituada observação da maneira que o revival medieval aderiu a uma restauração dos códigos dos cavaleiros, ligado a enobrecer, a coragem e a sacrificar, construindo o “chivalry”, no caso são normas de boas maneiras de cavalheirismo. Considerando a sua pesquisa, reunir armaduras, assistir a competições, e ergue edificações da arquitetura gótico como moradia, o que demonstra que se tem a compreensão importância da época medieval com conceitos a serem restaurados.

Por uma perspectiva contrária foi inaugurado uma organização de como entender os conceitos da teoria que constituem o revival neogótico, possuindo acerca de argumentos estéticos de escolha de entender o prestígio da mobilização no seu respectivo período, pertencendo ao Michael Bright em *Cities Built to Music* (1984). Reconhecendo que era costume os vitorianos fazerem analogias sobre a os outros tipos de arte como música, poesia como também a arquitetura, empregando as naturezas estéticas do estilo expressionismo, mimese e pragmatismo. Compreendendo que é inevitável admitir que o estilo gótico no qual sem sombra de dúvidas era um estilo prazeroso para os vitorianos, segundo Bright que tinha uma visão mediante a arquitetura os quais vitoriano demonstram com transparência sua afeição pela época medieval. O

¹⁷ A tradução literal de “*sine qua non*” é “sem a qual não”, a indicar que uma condição, fator, cláusula ou circunstância é essencial, indispensável no sentido de efetuar determinado ato, evento ou circunstância. QUEIROZ PIACENTINI, Maria Tereza, não tropece na Língua n° 188, 3ª edição, junho 2021.

entendimento sobre a interpretação do estilo neogótico, é em referência a estética, onde desiste da possibilidade da influência da religiosidade e da literatura revival.

Em 1982, Charles Dellheim levou ao conhecimento do público uma pesquisa fascinante e inspiradora, em relação a conservação do período medieval na Inglaterra vitoriana. Uma pesquisa acerca da procura através sobre um estilo medieval nas localidades Manchester no Norte da Inglaterra, baseado acerca de um estudo da arqueologia das sociedades locais, de modelos em particular de restituição ou restauração, das cidades de York e Leeds. É genuíno a forma de conservar o patrimônio deixado de legado pelo medieval, sendo uma a oportunidade importante de poder trabalhar novamente com o antigo por conta dos vitorianos.

Podemos apontar que um aumento no reconhecimento da pesquisa do estilo neogótico, irá persistir e ser incluso em análises e estudos históricos ligado as avaliações e críticas quanto a arquitetura. Em consideração aos trabalhos em relação ao Mourdant Crook, por um longo período de tempo, se satisfazendo em reiterar as críticas ocorridas no passado sem procurar regressar as origens que as geraram e compreender tais opiniões a respeito. Apesar que foi observado pelo Patteta (1987), a carência em gerar circunstâncias para conservação do patrimônio urbanístico referente ao séc. 19 e também a concepção sobre a ruína do urbanismo moderno, em semelhança entre as regiões de características desejadas costumes ecléticos, detém conduzindo uma pesquisa em relação a história arquitetônica, principalmente na Europa, a pesquisar e reanalisar do séc. 19 os seus estilos arquitetônicos e os respectivos arquitetos.

Com a comprovação da vitalidade histórica evidente em relação do revival gótico atualmente vem obtendo a merecida relevância, realizando contemporaneamente a tarefa de sobressair que desocupou no meio dos conceitos “estudo acerca da história” e “renascimento do gótico”, entendo que a neogótica simples em decorrência do resultado do romantismo.

Olhando o neogótico podemos captar que não um estilo raso sem estudo ou pesquisa, achando que feito por escolhas incertas de uma época privado de originalidade. O Hitchcock fala sobre a mobilização moderna deixa enxergar o período passado “totalmente” e “não sendo uma sequência de esquematização incompatíveis”. Além de achar que as edificações do estilo revival consistia em algo habitual, onde não

proporcionava frutos em sequência bastante para acrescentar a engenharia moderna; era lido com uma arquitetura restabelecida.

Nikolaus Pevsner que acompanhava o Hitchcock, informou um extenso hábito de enxergar efeitos inferiores, brutos e ridículos acerca do estilo romântico. Perguntando de local encontra-se dizendo? Possivelmente a procura dos precursores da arquitetura moderna, o qual procuram a arquitetura eclética com o propósito de gerar uma forma lógica e incorporada. (Hitchcock, 1993.p. 90). A arquitetura moderna representa sendo uma arquitetura que o mundo conhece as diversas adversidades ficariam esclarecidas.

É enigmático a imposição pela procura do “moderno”, podendo dizer ser algo específico e padrão de atributo da arquitetura. Existia interesses distintos simultaneamente relacionados ao revivalismo clássico. Agora não se encaixa desprezar as teses dos conceituais e guias de arquitetura em abundância a princípio do séc. 18 pelo seu empenho por artifício de análise de modelos góticos, determinar as normas da arquitetura gótica. Não tem como deixar de lado de lado grandes obras como as pesquisas do John Ruskin em relação do gótico em *As pedras de Veneza* e *As sete lâmpadas*, o *Specimens of Gothic architecture consisting of doors, windows, buttresses ...* de Frederick Mackenzie (1825), ou principalmente, *Specimens of the work of Pugin* e *Contrasts* do respectivo Pugin. Obras usadas como parâmetro e guias, para fundamentar a restauração de edifícios já construídos ou usado para as construções de novas edificações, apontado e sendo relevante compromisso daquele período com análises e análises de aspecto do passado.

O termo revival usado para o gótico no séc. 19, foi rejeitado a ser usado em proveito da denominação “historicismo”, em 1928 pelo alemão e historiador Hermann Beenken, quando utilizou a expressão em seu estudo favorável da arquitetura romântica alemã. Jamais seria suprir de estilos da história artística o qual foi sinalizado o ecletismo, no momento que o historicismo a sua definição abrangia uma sequência de medidas arquitetônicas referente a história.

Se regatarmos a definição extensa e a crônica em relação ao revival, readquirir a complicada expressão do neogótico. Com a tradução para a língua portuguesa fica meio estranho essas palavras, ressurreição e reavivamento do estilo, onde não usa mais. Realiza e readquirir o complicado aspecto do revival, onde excede bastante o sentido de um

simples renascer de modos sensacionais ou extravagantes, imaginação alucinada de determinados arquitetos.

O Hitchcock, em seu trabalho momentaneamente brinca, com os relatos e obrigações e regras admitidos pelos conceituados da mobilização em relação do neogótico. Declara que “no meado do séc. 19, fica árduo entender se careceria de erguer edificações do estilo gótico visto que conturbado românico ou protestante por causa da obrigação em desempenhar nas edificações clássicas deixando os funcionários pobres” (Hitchcock 1993.p.63). Contudo são diretamente consequências dos padrões dos estilos e histórica, compreendendo protestos complicados que conceitos artísticos referente ornamento, massa ou volumetria, que tem importância à atual obra. Para entender os trabalhos feitos pelo Hitchcock criou, precisar de uma visão historiador, onde relata sobre um comprometimento com o modernismo. Vários anos iriam percorrer para mais que o Estilo Internacional, tornando-se consequência da revolução moderna que entra em conflito junto ao historicismo.

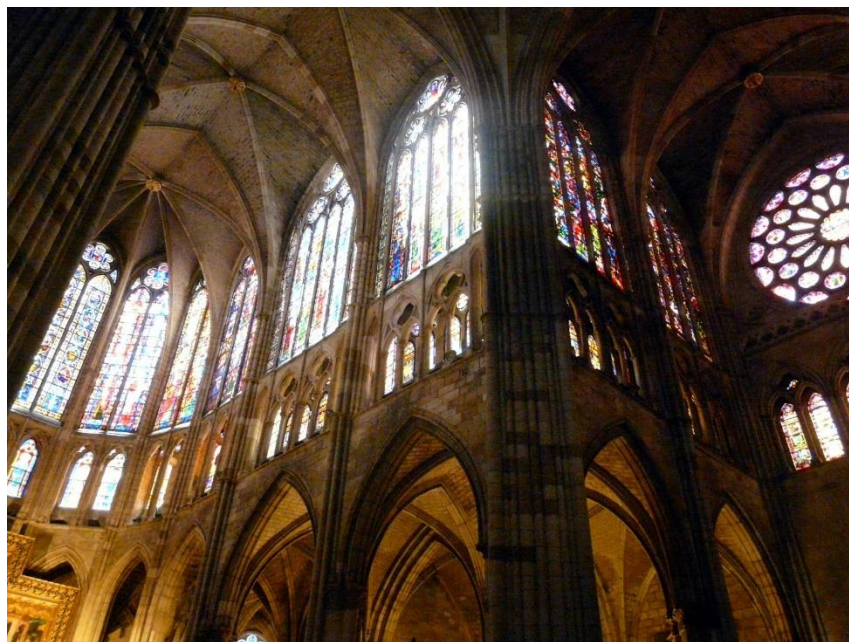
Podemos observar atualmente que a acerca do estilo gótico no séc. 18 não sendo apontada como retrocesso estúpido ou uma serie que jamais houve a retirada, contudo é compreendido como estipulado a seleção estilística. Acreditar que o estilo arquitetônico neogótico sendo consequência de uma fácil continuação referente do passado, ao contrário da alegação que faz parte no meio ao séc. 19, no qual ficamos sem alternativas, observado que para entende-lo não precisa esquecer de onde veio a sua fonte.

3.1.2. Características e Especificações.

Verticalidade se deu pelos métodos construtivos serem mais avançados e materiais mais leves, onde através das suas colunas robustas e pilares de pouco peso, no qual alcança a grandes dimensões.

As janelas tinham grandes aberturas, conseqüentemente os interiores das igrejas irradiarem de luz, essa claridade criada era colorida, em razão de ser transpassada através dos de vitrais e rosáceas. Compreendeu que luz era um jeito de poder exaltação divina.

Figura 11 - Catedral de Leon iluminação interna.

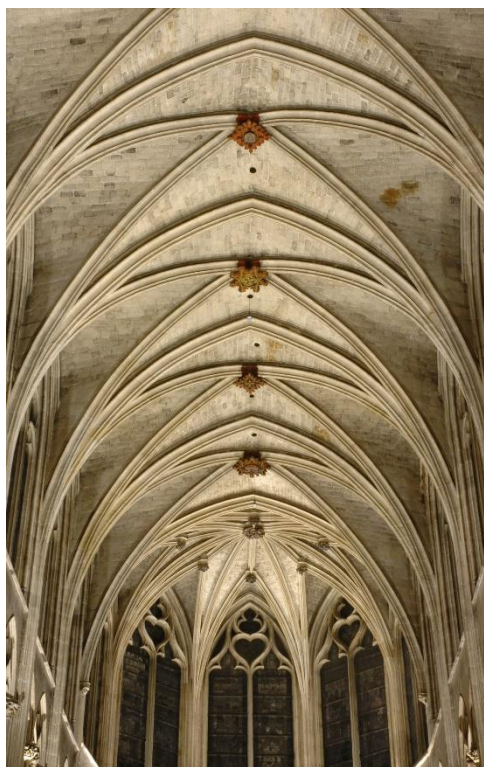


Fonte:https://gl.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vidrieras_en_la_cabecera_y_crucero_sur,_catedral_de_Le%C3%B3n.jpg

Arco ogival (Arco quebrado) - Composto por dois segmentos de círculo que se convergem no topo, obtendo uma maior verticalidade, faz com a força exercida seja menor, fazendo o peso ser bem distribuído. Substituindo arco de volta perfeita usado na arquitetura românica.

Abóbadas de nervuras – Composto por dois arcos ogival que se cruzam na diagonal, formando um x que é dividido em quatro partes, a tensão exercida é passado para quatro pilares, as nervuras parecem costelas, os espaços que ficam entre elas são preenchidos por painéis de materiais mais leves e finos, criando abóbadas no arquitetura gótica não tão pesadas, como a de outros estilo. Com a aplicação das abobadas nervurada, colocando toda a força que era exercida sobre pilares que era embutido nas paredes, resultando no melhor aproveitamento do espaço e luminosidade nas edificações. Colaborando com os arquitetos na hora de fazer paredes mais altas e leves com vãos maiores.

Figura 12 - Abóbadas góticas quadripartidas com nervuras cruzadas da Igreja de Saint-Séverin em Paris.

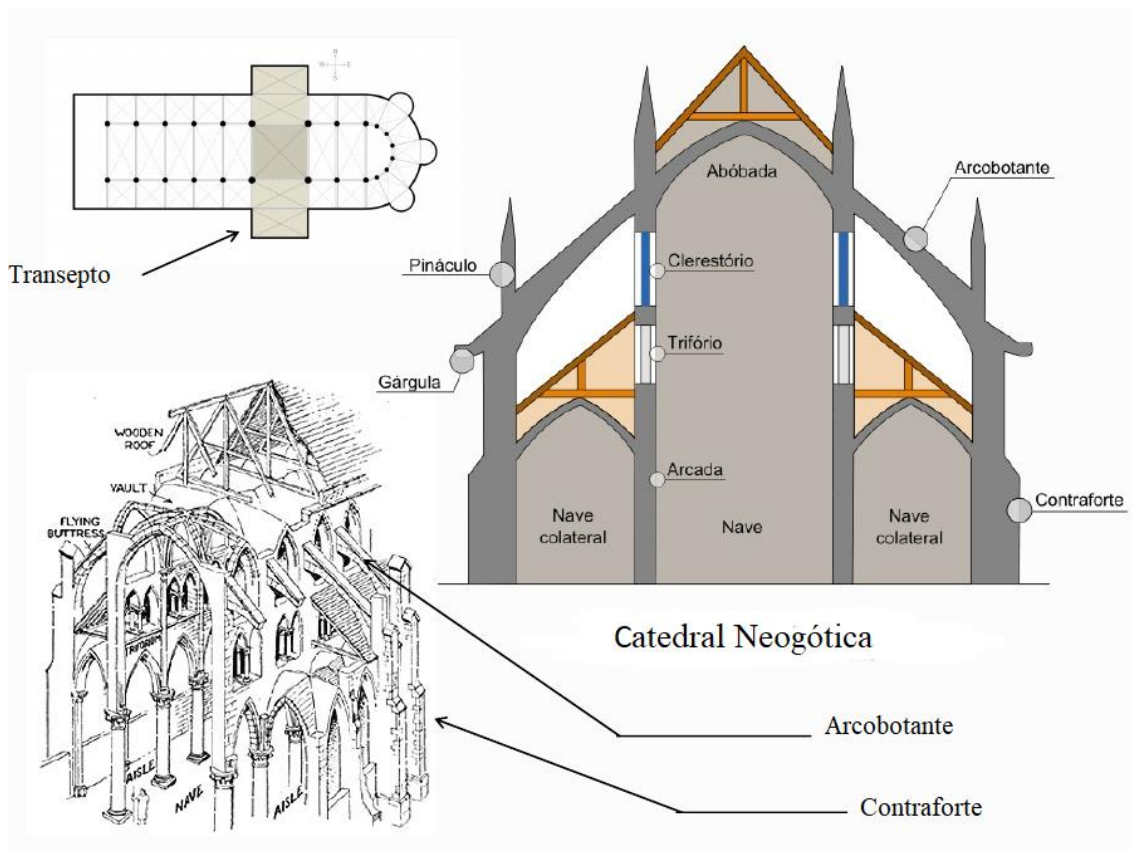


Fonte:https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vo%C3%BBte_de_l%27%C3%A9glise_Saint-S%C3%A9verin_%C3%A0_Paris.jpg

Arcobotante – Tem aparência de meio arco, construído na parte exterior da edificação servindo como apoio na distribuição do peso das colunas e parede, escorado no contraforte (botaréu), que contribuem na sustentação do peso da abóbada, esses métodos proporcionaram fazer grandes edifícios sem colocar em risco a estabilidade.

As catedrais góticas seguiam o mesmo formato do estilo românico, a planta tinha forma de cruz latina. O projeto a ser seguido tinha a de deixar nave e a capela-mor posicionadas na extensão longitudinal conforme o sentido leste e oeste. Deste modo o altar-mor fica a leste, onde o sol surge e sendo denominado a cabeceira, aonde a fechada da frente da edificação se encontraria a oeste, sendo que o sol fica poente, criando uma fantasia de que seja obrigatório o homem, andar por um extenso caminho até que enfim, pode chegar a Deus. O transepto no caso se localizaria na parte norte e sul, onde o lado do evangelho é para o norte e o lado da epístola sendo o sul. Se observamos na parte de baixo da cruz veremos a nave central e outras duas naves nas suas laterais.

Figura 13 - Elementos principais do neogótico.



Fonte: <https://vdocuments.mx/catedrais2011.html>.

Na parte interna transepto atravessa o corpo longitudinal da igreja, entre essa interseção fica o cruzeiro e aos lados chama-se braço, e as vezes ficando um pouca mais largo, mas não excedendo a largura da fachada, sendo de frente para cabeceira que fica do lado oposto da fachada, perto também de um duplo deambulatório ou charola.

Os pilares das arcadas demonstram uma serie de arcos sustentados por colunas e onde normalmente fica o claustro. São grandes pilares que afirmam a verticalidade da edificação, e também ajudava no comprimento da largura da nave principal.

No século XIII as paredes internas da catedral eram separadas em três divisões, a arcada principal era a primeira, depois o trifólio e clerestório. Por meio dessa segmentação alongar mais as catedrais, onde a cúpula chegou a ficar 36,50 metros do chão. Com a ajuda das pilares e pilastras, fazem com que a visão da pessoa seja direcionada para o alto tendo compreensão da sua verticalidade. No qual a iluminação

vem das janelas externas da parede, das janelas do clerestório e pelos grandes vitrais e rosáceas.

Na parte externa entradas na arquitetura gótica normalmente compõem por portadas principais na parte frontal, portadas laterais no transepto. Normalmente os portais centrais podem ser triplos, e tímpanos com ornamentações (podendo ocorrer nos portais do transepto).

Tinha torres que ficava de cada lado do portal central, no seus topos tinham sinos, onde os telhados cónicos ou em agulha, entendendo com pináculos rendilhados onde frisa mais a verticalização do estilo.

Ainda na parte externa ontem muita ornamentação escultórica que fazem contraste com a parte do interior da igreja, em cornijas e contraforte.

Gárgula – Cano que sai do telhado usado para escoar a água da chuva, normalmente fica sobre os beirais ou na cimalha das cornijas. As ornamentações ou aspectos que tinham, eram figuras grotescas podendo parecer com animais, mascarões e quimeras e etc...

4. A CHEGADA DO NEOGÓTICO EM PONTE NOVA COMO MODERNIDADE.

4.1. Neogótica uma breve introdução.

O neogótico teve início em meio ao século 18, quando as práticas do período medieval foram reutilizadas, em várias formas de expressar a arte como, a arquitetura, literatura, na parte religiosa, na filosofia, e também na política e seus discursos. (Maria Cristina Correia Leandro Pereira, 2011).¹⁸

Utilizaram um termo para esse movimento qual ficou conhecido como *Revival*, traduzido para o português “Revivalismo”, o termo que ficou bastante conhecido na época medieval sendo “Renascimento”, onde seria utilizado junto ao termo “Gótico”,

¹⁸ (Maria Cristina Correia Leandro Pereira, 2011)

que ficaria Revivalismo Gótico. Podia considera como a idade média revivida, não só uma ideia, mas seria provado mediante a sua arte e da sua arquitetura, assim imitando inspirando as novas obras. (Maria Cristina Correia Leandro Pereira, 2011)

4.1.1 O Neogótico e a sua chegada em Minas Gerais.

Com a revolução industrial na Europa, houver mudanças gerando o ecletismo, podemos dizer que era “um movimento estético pautado na ornamentação das edificações com elementos ornamentais típicos de momentos anteriores”¹⁹. A revolução gerou um grande acesso a informações históricas, onde houve um crescimento nas indústrias e uma nova classe aparece, onde era encarregada de grandes obras e construções, propositalmente explorando um novo estilo, que mistura elementos iconográficos de outros estilos e épocas. Mas ainda tinham um apreço pelo passado com o Romantismo inglês, então “na reação a Revolução Industrial, na ascensão de uma nova classe em busca de status no crescente individualismo, na nostalgia do ‘longínquo ‘posta em voga pelo Romantismo’”.²⁰

O ecletismo tomou proporção no Brasil, no fim do séc. 18, mediante as outras manifestações arquitetônicas, e assim se prolongando até os meados do séc. 20. Podemos afirmar que o ecletismo do Brasil é diferente do Europeu, não queremos trazer o passado de volta, o próprio Annayeresa Fabris afirma que por não ser um resultado de uma tradição herdada, mas sendo “o rechaço radical dos vestígios coloniais que persistiam no país, apesar do neoclassicismo da Missão Artística Francesa”²¹. A influência estrangeira era muito forte na época, onde que nos apoderamos de um estilo, sem menos estudarmos ele mais profundamente, a Maria Isaura Pereira de Queiros, aponta, que é preciso saber como ocorreu a importação cultural: que elementos foram escolhidos, a forma que foram adotados, e qual o resultado final dessa operação.

"toda adoção era orientada pela vivência daqueles que a efetuavam, pelos problemas com que se defrontavam, pela sua experiência de vida cotidiana, e se dava, pois,

¹⁹ Luz, John Kennedy Ferreira da. A face popular da arquitetura do espetáculo: o ecletismo como símbolo de transformações sociais no Cabo de Santo Agostinho/PE (1990-1935), p.2. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/151023_John_Kennedy_Ferreira_da_Luz.pdf. Acesso em 01 set.2021.

²⁰ FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. Anais do Museu Paulista Nova Série, n° 1, São Paulo, 1993, p. 131-132.

²¹ FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. p. 135.

norteada pelo contexto nacional. (...) Tais elementos provindos do exterior provavelmente estariam correspondendo a algo que seria parte integrante de nossa sociedade, razão pela qual tinham sido buscados; só assim se descobriria também a que ‘falta’ estariam em correlação, e porque não teria havido, para saná-la, uma invenção do próprio grupo" (Queiroz 1981:252)

O que foi considerado ecletismo, ajudou no surgimento de novos seguimentos, trazendo os “neos” ou “revivals” (Neoclássico, Neogótico, Neoromânico, etc.) vindo da Europa. Esses novos estilos buscavam as principais características do estilo de época passado, junto a função da edificação que vai ser erguida²². Um estilo que teve destaque lá fora, foi o neogótico, começou na Europa nos meados do séc. 19, onde teve importantes teóricos contribuindo com a sua disseminação, como Pugin e Ruskin que atuaram na Inglaterra e Viollet-le-Duc na França.

A cultura de fora sempre influenciou a do Brasil, ainda mais com a chegada da Família Real portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808. O Rio foi o primeiro estado a sofrer algumas mudanças na arquitetura da cidade e modernizando os centros urbanos.

Na Europa o neogótico tinha dado certo, por causa das mudanças sociais e urbanísticas, no Brasil não foi diferente, acabou acontecendo algo parecido com essa mesma ação do séc. 19. O neogótico no começo só se podia observar nas ogivas das janelas de poucas casas. Onde começou:

Aplicado em igrejas, tais como os telhados íngremes, pináculos e torre axial única. Dentre as reduções formais do vocabulário da velha arquitetura gótica impostas à construção residencial, apareciam as platibandas ritmadas por merlões e ameias, além de vergas com tímpanos contornados por arcos ogivais ou lobulados, muito difundidos em todo o Brasil. (CASTRO, 1987, p. 213)

A Patrícia Vasconcellos aponta que a primeira edificação neogótica do Brasil foi planejada no estado do Rio de Janeiro, por John Johnston em 1812-1816 em Quinta da Boa Vista²³. A construção do prédio para o Real Gabinete de Leitura em 1887, obra

²² “ É em função da destinação do edifício, como viemos comprovando, que se definem as tipologias estilísticas mais recorrentes, entre as quais se destacam os modelos neoclássicos em sentido lato (abarcando também o léxico renascentista) para as construções representativas; os modelos pitoresco para os chalés e os quiosques com as variações neogóticas e neo-românicas para as igrejas; modelos menos eruditos e menos rigorosos, bem mais fantasiosos do que os anteriores, verdadeiras colagens poliestilística que, por vezes, integravam fragmentos provenientes de demolições de construções anteriores ou estilemas do *Art Noveau*”. FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. p. 140.

²³ VASCONCELLOS, 2002, p. 44

projetada por Raphael de Castro, influenciado pelo Mosteiro dos Jerônimos em Portugal. O prédio contava com um acervo de livros com mais de 52.000 exemplares, considerada em 1880 a segunda biblioteca mais importante do Rio, só ficando atrás da Biblioteca Pública²⁴. O prédio da Ilha Fiscal projetado pelo engenheiro Adolfo José Del Vecchio é outro exemplar do estilo neogótico. A primeiro momento Vecchio não queria fazer uma edificação neogótica, mas depois que o imperador visitou o local, que realmente o estilo foi decidido. Em uma passagem ele fala sobre suas memórias:

Depois de ter percorrido em todos os sentidos e de ter apreciado o belo panorama que se descortina de todos os seus pontos, o imperador de cabeça descoberta, recebendo o ar fresco que vinha do lado da Barra, parou, e depois de alguns instantes de contemplação, disse-me: Seu De Vecchi- era assim que ele costumava chamar-me, confundindo meu nome com o de outra família que ele tinha conhecido- isto é um delicado estojo digno de uma brilhante joia. (Citado em DEL BRENNA, 1987, p. 45)

Em Minas Gerais ainda era muito forte a presença do Barroco e Rococó, se prologando até 1840. O neogótico aparece em Minas na capital, Belo Horizonte recebe grandes monumentos como o Centro de Cultura, Igreja Nossa Senhora da Boa viagem (1911-1932) e a Igreja Nossa Senhora de Lourdes. No interior de minas cidade do Caraça recebia a primeira edificação neogótica a capela do ermitão Lourenço, sendo consagrado no ano de 1883 em 27 de maio.

5. PONTE NOVA E A SUA IMPORTÂNCIA COMO A REGIÃO DO AÇÚCAR.

5.1. Histórico de Ponte Nova.

Com a vinda dos portugueses ao Brasil, temos histórias e relatos, de combates com tribos indígenas. Uma tribo chamada Tapuias, que vinham de locais montanhosos das costas, que eram temidos por serem extremamente selvagens, e praticarem canibalismo e por serem perspicazes.

Dentre os demais bárbaros, eles foram considerados como além de bárbaros, falavam uma língua totalmente desconhecida e seus costumes se desviavam dos de todas as

²⁴ ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira. A imigração do neomanuelino para terras brasileiras. In: Arquitectura neomedieval portuguesa- 1780- 1924. Volume 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p..368.

outras tribos brasileiras. Não construíam casas, não conheciam o uso de redes e dormiam sobre folhas no chão. Não cultivavam nada, vagueavam em pequenos grupos pela região e não eram afeitos ao nado. Sua fala era gutural e eram antropófagos, não por sede de vingança ou ódio contra o inimigo, mas por apreciarem o sabor da carne²⁵.

Alguns registros mais antigos²⁶ indicam que no começo de Ponte Nova, aonde os seus primeiros habitantes eram índios, nomeados como Puris e Aimorés que tinha um número maior de indígenas e eram reconhecidos também como Botocudos, pelos seus botoques (são acessórios arredondados, sendo fixados nos lóbulos das orelhas e nos lábios, deixando os com uma fisionomia aterrorizante).

Conforme o Ribeiro Filho na história a relatos, que esses índios eram conhecidos por serem canibais, e extremamente violentos e perversos, com outras tribos indígenas, “quer uma caravana de viajantes ou, mesmo, as fazendas dos colonizadores, destruindo, com fogo, tudo o que encontravam em seu caminho; depois se regalavam, em lautas cerimônias andrófagas, com seus prisioneiros” (RIBEIRO FILHO, 1993, p. 7).

Compreendia grandes faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, constituídas de florestas latifoliadas tropicais, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre na Bahia e o Rio Doce no Espírito Santo²⁷.

As primeiras ocupações no Brasil foram centralizadas nos litorais mediante a transporte marítimo muito usado pelas capitanias, mesmo assim era mais difícil exploração dos interiores da dimensão do território. O Ribeiro Filho (1993) fala que, nos séculos XVI e XVII houver várias tentativas de exploração dos territórios pelos interiores, onde não foram feitos bons registros dessas expedições.

Algumas poucas expedições foram feitas ao atual território de Minas Gerais, durante os séculos XVI e XVII. Essas entradas foram, no entanto, muito mal registradas e, hoje, sobram poucas informações sobre os caminhos e os acontecimentos das viagens dos primeiros desbravadores. [...]

²⁵ Em outro trecho, Hist. G. do Bra. I, p. 447, o autor relata: “os estrangeiros Aimorés a que muito provavelmente pertencem como dizemos em outro lugar os chamados hoje Puris ou Botocudos”. Portanto, ele considera de modo errôneo os dois troncos como idênticos, ao passo que a sua descrição cabe aos Botocudos. Sob o nome Tapuia estão incluídos os Puris, assim como todas as nações da costa leste que não pertencem ao grande povo Tupi.

²⁶ MAGALHÃES. Manuel Ignácio Machado de. Resumo Histórico de Ponte Nova. Ponte Nova: Typ Ideal, 1922

²⁷ Paraíso, 1992, p.413.

A região de Ponte Nova tinha como porta natural o vale do rio Doce. Por ele chegavam os primeiros exploradores, vindos da Bahia, à procura da foz desse grande rio. Sabe-se que Sebastião Fernandes Tourinho tenha subido o rio Doce até a sua origem. Ora, hoje é considerada a origem do rio Doce a união dos rios Piranga, Carmo e Xopotó, poucos quilômetros abaixo de Ponte Nova. (RIBEIRO FILHO, 1993, p. 11).

Os primeiros aglomerados populacionais em toda dimensão do território do município de Ponte Nova ocorreram a sua origem as margens dos rios, onde ficavam até certo tempo, e era caminho para as regiões onde havia mineração. Com incentivo da coroa portuguesa em 1650, teve um grande aumento na exploração do território mineiro na caça pelo ouro e pedras preciosas. Normalmente o povoado era fixado mais perto da área de exploração, começava a se construir casas, capelas e rancho de tropas para compras e vendas de mercadorias.

A região do Rio Piranga em Ponte Nova, talvez tenha sido explorada para tal mineração de ouro, mas os exploradores só encontraram solo fértil banhado pelo Rio Piranga, comparado a grandes achados das antigas comarcas de Vila Rica (Ouro Preto) e Mariana. Sendo longe das outras vilas já fixadas, era difícil conseguir produtos por causa da distância, melhor sendo usada para abastecer essas áreas de grande mineração. Teve sua ocupação por meados do séc. 18 fazendo parte de uma das primeiras sesmarias²⁸ a Miguel Antônio do Monte Medeiros.

Na data de 27 de fevereiro de 1755, foi datada a primeira sesmaria de Miguel Antônio do Monte Medeiros, onde foi erguida a Fazenda da Vargem no sertão de Guarapiranga, após um ano em pouco tempo tinha 45 escravos e criações de animais. Seu irmão o Sebastião de Monte Medeiros da Costa Camargo, constrói a sua fazenda perto do Córrego das Almas, com a carta de sesmaria no dia 03 de junho de 1756. Perto do ribeirão

²⁸ Veja-se RAU, Virgínia. Sesmarias medievais portuguesas. Lisboa: Editorial Presença, 1982, em especial, o capítulo VI, a Conclusão e o diagrama incluído após as notas. Uma descrição minuciosa dos fundamentos jurídicos e sociais envolvidos na feitura da referida lei, bem como para uma discussão acerca das origens e acepções do vocábulo sesmaria encontra-se também em LIMA, Ruy Cirne. Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas. 4.ed. Brasília: ESAF, 1988, capítulo 1. Em conformidade com o texto das Ordenações Manuelinas, igualmente reproduzidas nas Ordenações Filipinas, Sesmarias são propriamente as dadas de terras, casses [casas de campo ou granjearias], ou pardieiros, que foram, ou são de alguns senhorios, e que já em outro tempo foram lavradas e aproveitadas, e agora não são. [Ordenações Manuelinas, livro IV, título 67 e Ordenações Filipinas, livro IV, título 43. Grifo nosso].

do Tavoáçu (Vau-Açu) o terceiro irmão João do Monte Medeiros sendo padre em 1763, ergue a sua fazenda Vau-Açu doada por carta de sesmaria no dia 30 de junho de 1756, instalando a sede da sua casa, senzala, um chiqueiro para porcos e um depósito no de 1768.

Cartas de sesmarias em 30 de junho de 1756 e 15 de junho de 1756 acabou sendo entregue a matriarca D. Maria da Costa Camargo e sua filha Catharina do Monte, as duas sendo viúvas. D. Maria da Costa Camargo estabeleceu a Fazenda Santa Rita, aos arredores do ribeirão Vau-Açu e rio Guarapiranga, e sua filha Catharina ergueu a Mata-Cães as beiras do rio Guarapiranga. Tiveram mais sesmeiros que se estabeleceram na região entre 1755 e 1800, Fazenda Pontal; Sebastião Marques, Fazenda dos Oratórios de Cima; Aleixo Alvez Coura, Fazenda dos Oratórios de Baixo; José do Valle Cunha Torres, Fazenda do Pombal; Domingos Alves Tores, Antônio Gonçalves e Fazenda do Engenho.

O Padre João do Monte Medeiros foi o último irmão a pegar posse da carta, por conta que estava no Seminário de Mariana e só foi ordenado 1763. Mesmo sendo o último a chegar a sua Fazenda Vau- Açu se tornou a mais prospera então pouco tempo, tornando-se modelo em crescimento da região, a produção começou a ser comercializada para outros lugares como Furquim e Mariana.

Na família Monte Medeiros tinham a esquematização de cooperação entre eles, sendo que o sistema de sesmarias pedia, num prazo de 4 anos a suas demarcações oficiais das terras e validando a carta.

O Padre João do Monte Medeiros doa parte das terras que tinha em sua posse, juntos com as terras que sua mãe havia deixado de herança para ele e seus irmãos, após sua morte em 1760, no intuito de gerar um povoado. Com parte das terras doadas João do Monte fez a petição ao bispado de Mariana para conseguir a autorização no intuito de erguer a capela²⁹. No dia 01 julho de 1770, foi recebido a permissão eclesiástica, gastando no mínimo seis meses para que a construção fosse concluída na Capela de São Sebastião e Almas e o cemitério. A capela foi posta no ponto mais alto, podendo ver tudo, e ter

²⁹ RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. Ponte Nova: 1770 a 1920; 150 anos de história – Viçosa: 1993. Ver anexo 1.

visão da passagem que levava a Mariana, o rio Piranga, ponte e colinas, onde atualmente se situa a Matriz de São Sebastião em Ponte Nova.

Conforme as demarcações das terras dos Monte Medeiros, oficializadas em 17 de setembro de 1758, a primeira, mais próxima do rio, compreendendo inclusive o local onde se acham construídas hoje a Matriz, a Prefeitura, a Praça Getúlio Vargas, etc., era a Fazenda Santa Rita, de D. Maria. A seguir, no sentido leste, achava-se a Vargem Alegre, de Miguel. Depois vinha a Fazenda do Vau-Açu, do Padre João, e, por último, a do córrego das Almas, de propriedade de São Sebastião do Monte³⁰.

Em 1770 no dia 15 de dezembro ficou sendo como a data do estabelecimento do município de Ponte Nova, mesmo havendo um pequeno povoamento, esperasse que uma figura canônica venha estabelecer o contexto jurídico e administrativo do local. Com a capela inicial construída se tornando o ponto central da cidade, onde as demais coisas são erguidas a sua volta.

A inserção dos edifícios religiosos na tessitura urbana da cidade colonial, outra forte herança portuguesa, caracterizada pelo traçado orgânico e irregular em dissonância com a tradição racional hispânica, ratifica a relevância da Igreja. Frequentemente localizada em lugares de destaque são favorecidas por terreiros, adros ou largos, conformando espaços públicos por excelência em conformidade os usos e costumes, como os autos religiosos, além de outras práticas de cunho profano. A analogia à cidade e sociedade medieval neste aspecto é inevitável. As torres sineiras das igrejas dominam a paisagem da cidade colonial brasileira, expressando a religiosidade que se entrelaça com as mais diversas práticas sociais da sociedade colonial (RIBEIRO FILHO, 1993).

A denominações dadas aos arraiais normalmente recebia nomes do tupi-guarani, ou de acidentes geográficos, pessoa importantes que ali moravam ou menção por datas do calendário. Em um jornal comemorativo a folha de Ponte Nova 27/10/2007³¹, cita que o o primeiro nome da cidade era “Povoado do Rio Turvo”, fazia analogia ao Rio Piranga que tinha as suas águas turvas. Ponte Nova ganhou esse nome, tudo por causa de uma pequena ponte que ficava sobre o rio Piranga, sendo utilizada como passagem para as outras regiões mineradoras, sendo bem adotada por todos. Um livro chamado “Ponte

³⁰ História de Ponte Nova, disponível em: <<http://www.pontenet.com.br/pontenova/histor.html>> Acesso em 15 fevereiro 2020.

³¹ O Jornal Folha de Ponte Nova, veículo de comunicação da cidade e região, publica, há anos, no mês de outubro, uma edição comemorativa do aniversário da cidade.

Nova Memória e Patrimônio – Um retrato histórico”, conta um relato de um morado, José Carlos Itaboray Filho, explicando qual foi motivo do nome Ponte Nova.

Periodicamente, uma ponte era levada, ou pelas águas, ou incendiada por índios. Tornou-se necessário colocar “guardas” para poder vigiar a ponte. Com os guardas, veio o núcleo urbano, virou ponto de parada dos viajantes. Eles vinham e pernoitavam aqui para descansar, com a tropa. Tudo junto com esse pequeno núcleo urbano que era aqui. Ao fazer isso, o pessoal se fortaleceu como referência a essa ligação e, justamente quando eles começaram a ocupar as fazendas, em 1750, 1770, o padre João Medeiros fez a primeira capela de Ponte Nova. Aqui os fazendeiros se reuniram para poder renovar uma ponte antiga, conseguiram dinheiro da província e fizeram a ponte nova. Todo mundo que vinha aqui...” Ah vou passar pela ponte nova”. E virou topônimo. (NEVES,2019, p.33)

Não tem informações com exatidão da data de quando a ponte foi construída, mas que uma comissão foi encarregada de abrir estrada para capitania do Espírito Santo em meados no séc. 18, onde construíram uma ponte temporária sobre o rio. A ponte durou por um bom tempo, só sendo reformada em 1762 por Antônio Brant Ribeiro Filho (1996) e Sebastião do Monte, assim favorecendo a travessia da estrada em direção a Mariana e a moradia da sua irmã Catharina, que ficava através da margem do rio. Em 1780 a havia sido arrancada por causa das chuvas fortes, o governador da Província de Minas Gerais, D. Rodrigo José de Menezes pediu para erguer uma nova ponte sobre o rio Piranga, assim pensando na preservação dos caminhos e estradas, isso trouxe novos viajantes, erguendo mais casas e lugar para as tropas, na qual a “ponte nova” se tornou a representação da cidade.

No fim das últimas três décadas no séc. 18, o povoamento foi aumentando, assim novas fazendas iam se estabelecendo como Ventania, Xopotó, Córrego Grande Quebra Potes, e das Palmeiras, tudo porque teve um declive na área de mineração de ouro. Isso ocorreu pouco depois do estabelecimento da cidade de Ponte Nova, com nenhum investimento que o metal precioso dava, os mineiros procuraram outras formas de financiar a busca do ouro de uma forma mais rudimentar, mediante de mineração de diamante, lavoura e gado.

A indústria de cana de açúcar em 1785, começou a ser plantada e cultivada na cidade Ponte Nova, sendo comum ver uma lavoura de cana, fabricavam dela açúcar mascavo e aguardente, mas também era bem diversificado como plantio do cereais e

criação de gado. Na Fazenda Vau- Açú em 1792, você via enormes lavouras de cana e grandes engenhos, aproveitando dos frutos gerados para investir na capela em construções mais solidas e detalhadas, assim se instalando definitivamente na região.

Houveram vários desentendimentos entre o povoado e os índios isso ainda no século XVII, um desses combates chegou a incendiar algumas moradias e o templo. Aonde o procurador do Padre João do Monte Medeiros o qual havia já doado as terras com destino a igreja, e o Padre Francisco Soares de Araújo, foi quem tomou a frente e ficou por conta de conduzir a reforma da Capela São Sebastião e Almas Ponte Nova.

A capela primitiva sendo construída teve que ser ampliada em 1857, por não conseguir comportar a quantidade de pessoas que moravam no povoado, o Padre José Miguel Martins Chaves teve que doar parte do seu terreno e assim iniciou do séc. 19, a ampliação da igreja e ergueu uma pequena casa perto da capela para si mesmo. Em 1859 acabou sendo a inauguração da nova igreja, a ampliação acabou sendo paga com dinheiro doados pelos fiéis, arrecadações das comemorações realizadas com esse mesmo proposito, e verbas do governo provincial.

Precisou ser feito uma nova construção, a igreja acabou sendo destruída em 23 de outubro de 1915 por incêndio. A nova edificação começou a ser erguida em 1919, coordenada pelo Padre Parreira Lima, usando o projeto do Padre Frederico Vienkein, a obra sendo finalizada em 1926, o custo da obra foi arrecado pelos paroquianos. A sua inauguração aconteceu em 1926, a nova igreja Matriz de São Sebastião, foi consagrada pelo bispo de Mariana, Dom helvécio Gomes de Oliveira.

A praça da Matriz de São Sebastiao acabou se tornando o centro, casas, prédios e outras construções, foram sendo erguidas em sua voltar, estendendo-se por todo o rio Piranga. No início de 1864 a cidade de Ponte Nova, tinha basicamente três ruas: a Rua do Rosário (atual Rua Cantídio Drumond), Rua Direita (atual Avenida Caetano Marinho), Rua Municipal (Praça Dom Parreira Lara), nesses primeiros arruamentos podemos ainda encontrar edificações de época, de quando começo a cidade.

Teve uma grande expansão da malha urbana, isso dentro do séc. 19, e com mais intensidade em séc. 20, novas residências irregulares em morros foram criadas, junto com o aumento do centro comercial e lazer, fora dos centros históricos da região. Já em

1950, foi construído a Avenida Doutor Arthur Bernardes, as beiras do rio Piranga, sendo eixo de acesso dos novos bairros ao centro comercial. Mas isso muda no fim dos anos 50 quando surge um bairro novo Palmeiras, a finalidade de ser o novo centro de comércio de mais fácil acesso as áreas periféricas da cidade.

4.2.2. Usinas de açúcar base econômica.

Grande parte das propriedades tinha lavouras com o plantio da cana de açúcar algo bem comum em 1785, usados principalmente na fabricação de açúcar mascavo e aguardente. Todas as fazendas possuíam engenhos nos meados do séc. 19, graças a grande propagação dos canaviais e massiva exportação de produtos. Normalmente os engenhos que tinham na fazenda eram movidos por tração animal ou moinho de água. Algumas propriedades já haviam rodas de engenhos de ferro fundido, sendo que a primeira a receber foi a Fazenda Sacramento, logo depois a Fazenda Vau- Açú do José Francisco do Monte herdeiro do Padre do João do Monte Medeiros, e a Fazenda Pontal de Francisco Machado Magalhães. A primeira usina fixada no estado de Minas Gerais, bem na cidade de Ponte Nova no ano de 1885, onde foi instalada suas sedes na Fazenda de Vau- Açú.

Sebastião Marques em 1758 recebe Fazenda Oratórios de Baixo sendo doada através da carta de sesmarias, e futuramente a propriedade aparece com um novo dono o Capitão Antônio Vieira de Souza. Posteriormente acabou ela sendo vendida para o Major José Vieira de Souza Rabello nascido em Minhocas, a propriedade contava com casa da vivenda, paiol utensílios para moagem da cana com destino a gerar o açúcar e também a aguardente e tinha a senzala entre outros.

O próprio José Vieira adquiriu outros bens além da Fazenda Oratórios de Baixo, como algumas sesmarias e a Fazenda Pião, ele casou se com Anna Florescência Martins Rabello, onde tiveram quatro filhos, Ângelo, Francisca Florescência e os gêmeos José e Francisco. O José acabou falecendo no dia 03 de agosto em 1863 e a Anna Florescência falecida em de 1881.

Os irmãos Ângelo Vieira Martins, Francisco e José, com o cunhado Manoel Vieira de Souza, junto do seu tio Luiz Augusto de Sousa e Silva criaram a firma Vieira Martins & Cia, todo foi maquinário instalado na Fazenda Pião, inspirados pelo êxito do Engenho Central que foi estabelecido em Quiçamã. Aonde os irmãos gêmeos recém-

formados na faculdade de medicina do estado do Rio de Janeiro em 1882, e voltam com destino a Ponte Nova, na intenção de dar início na criação e na obra do Engenho Central.

Uma parcela grande dos equipamentos usados em indústrias no Brasil na época tinha que ser importados, então todo o maquinário precisou ser trazido da Inglaterra, foi recebido no Rio de Janeiro no ano de 1884, saindo do Rio até na cidade de São Geraldo, transportado por trem na Estrada de Ferro de Leopoldina Railway. Onde que para chegar em seu destino final em Ponte Nova, precisou-se construir carroças puxadas por bois, sendo bem maiores que os padrões, alugando outros mais que estavam à disposição, mudando os trechos e as porteiras no caminho.

Em 1885 foi inaugurado, a Usina de Anna Florência, o nome foi uma homenagem a mãe dos sócios que faleceu e esposa de José Vieira. Conforme o relato de Martin (1938) essa homenagem era uma forma que “pretenderam render a sua progenitora, sogra e irmã um preito de infinita saudade e devoção”, na inauguração apareceu uma grande quantidade de pessoas, vendo todo maquinários hidráulico funcionando a todo vapor, e perplexos com o produto final, o açúcar todo branco como algodão. A usina tinha a capacidade inicial de 240 a 300 arroba por dia, o aumento na produção precisou fazer novos investimentos, como aquisições de novas terras para a expansão das lavouras, novas ramificações para linha de trem, para ficar mais fácil o transporte da cana para a usina.

No fim do séc. 19, a economia e processo produtivo de Ponte Nova estavam centrados em duas frentes, o café e o açúcar. Esses produtos sintonizavam a cidade da Zona da Mata com o Brasil, ainda eminentemente rural, exportador de produtos primários da agricultura, extremamente valorizados no mercado internacional, como o café, o açúcar, o algodão, o fumo. Mas, em Ponte Nova, além do açúcar e do café, já se desenhavam outras vias produtivas, entre elas a produção de proteína animal, especialmente advinda de suínos (NEVES, 2019, p.57).

Mas um novo produto no mercado o açúcar de beterraba, abriu uma concorrência desleal, já que tinha melhor resultado em seus processos, conseqüentemente que fossem para outro ramo de plantio de café, mas o resultado não foi o esperado então a sociedade foi desfeita e dividida em quatro partes, isso no ano 1998.

Mediante a um aumento nas produções açucareiras, os donos das grandes lavouras tiveram que solicitar com apoio da administração pública, entrar em consenso junto ao Governo Imperial, em direção a expansão do trilho de ferro, por a Companhia E.F. Leopoldina. Para a reivindicação das linhas férreas, o Ribeiro Filho (1993) cita que Ponte Nova ficou de fora das comunicações com as outras províncias e do país, por um grande tempo. Para trazer mercadorias dos centros comerciais era preciso ser transportado até a linha férrea de São Geraldo e para chegar em Ponte Nova tinha que ser levado em carros de bois e por tropas.

Tudo por causa de uma só linha férrea que passava por Mariana, Furquim e Barra longa, onde era limitado o contato com o centro comercial em Rio de Janeiro, a cidade de Rio Pomba e também Juiz de Fora, dificultando a compra de mercadorias para as produções agrícolas e importação de objetos.

Só no ano de 1883, o então Governo Imperial autorizou a expansão das linhas férreas de São Geraldo que chegava até em Itabira e se deslocando ao município de Ponte Nova. Devido a esse novo investimento, implantado na região trouxe modernidade e diminuindo as fronteiras do transporte, e alavancando a economia.

O estabelecimento do trilho de ferro em Ponte Nova só se deu em 1884. Onde foi inaugurada na data de 24 de junho de 1886, a esperada estação trem de Ponte Nova no qual compareceu o Imperador D. Pedro II. Conforme o Ribeiro Filho (1993) comitiva moveu-se até São Geraldo com destino a Ponte Nova, a bordo o Imperado, que foi recebido com uma celebração. Na época tinha uma grande relevância sua visita à cidade, traria prestígio a localidade em relação ao governo imperial.

5.1.1. De Vila da Ponte Nova a Município.

O pequeno povoado de Ponte Nova no qual começou com terras doadas pelas cartas de sesmarias, ficou sendo Arraial por um bom tempo, mais ou menos 30 anos no começo do séc. 19. Demora cerca de 62 anos depois da primeira construção erguida em benefício do povo, o próprio Roberto Capri (1916) confirma que teve um aumento número significativo de pessoas no povoado, sendo construído mais rua e propriedades, foi quando em 14 de julho de 1832, aconteceu o decreto³² de regência, mudando de arraial

³² Decreto da Regência de 14 de julho de 1832. P. 57,58,59,60

para freguesia ou paróquia, permanecendo assim por até uns vinte anos. Tomando conta das Freguesias de Barra do Bacalhau (atual Guaraciaba), Abre Campos, Barra Longa, Santa Cruz do Escalvado e São Sebastião da Pedra do Anta.

Em conformidade com a lei provincial n° 827 em 1857, todas as freguesias se tornariam Vilas³³ com denominações, se tornando Vila Ponte Nova, perdendo o vínculo com Mariana. Mas um tempo depois foi criada uma nova lei sancionada na data de 16 de outubro de 1861 sob o n° 1111, assim criando os municípios, anulando a lei n° 827.

Manoel Teixeira de Souza, Senador do Império e vice-presidente da província de Minas Gerais. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte: Art. Único. Fica prorrogado por mais dois anos o prazo para a instalação da Villa da Ponte Nova, criada no Município de Mariana, revogadas para esse fim as disposições em contrário. (Dossiê de Tombamento da Imagem São Sebastião, 2008 p.10).

O Auguste de Saint-Hilaire (2000:81) fala a respeito da região de Mariana que, a “sede de uma circunstância judiciaria como ainda fazia parte de uma diocese, e é isso unicamente que impede a cidade de cair em completa decadência”. Então a diocese Mariana tomava conta de metade da Província de Minas Gerais, onde também se estendeu sobre as vilas (sede bispado)³⁴. Onde o Auguste de Saint-Hilaire dá ênfase que “enquanto as cidades do Brasil, que são simplesmente capitais de província ou sedes de judicaturas, não usam senão o título de vila, Mariana e todas as sedes episcopais gozam do privilégio de ter a denominação de cidade”.

Levou um tempo até conquista dos modos da urbanidade pelos poderes locais, foi algo gradativo, que teve um grande efeito na formação dos assentamentos urbanos no séc. 18, assim tomando força quando no dia 30 de outubro de 1866 sob a lei provincial n° 1300 a Vila de Ponte Nova foi elevada à categoria de cidade, aí então compreendendo as freguesias dos municípios, de Jequeri, Santa Cruz do Escalvado, São Pedro dos Ferros, Serra e Bicudos.

³³ LIVRO DA LEI MINEIRA. Tomo XXII – parte 1ª – folha n°7. Ouro Preto, 1857.

³⁴ Cada comarca se subdividia em termos. As sedes de termos, como as de comarcas tinham o nome de vilas

LEI N. ° 1300- DE 30 DE OUTUBRO DE 1866

Carta de Lei que eleva à categoria de Cidade a Villa da Ponte Nova.

Joaquim Saldanha Marinho, Presidente da Província de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:

Art. Único. Fica elevada à categoria de cidade a Villa da Ponte Nova, com a mesma denominação; revogadas as disposições em contrário.

Mando por tanto a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumprãp, e façãp cumprir tão inteiramente, como n'ella se contem. O Secretario d'esta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio da Presidência da Província de Minas Geraes aos 30 dias do mez de Outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e seis, quadregesiano quintos da Independencia e do Imperio.³⁵

Conforme o Ribeiro Filho (1993) a cidade de Ponte Nova teve uma importância histórica, no momento que a Lei Provincial datada 11 de junho 1857, a subiu de freguesia para Vila, não quando a lei 1300 criada dia 30 de outubro de 1866, quando assumiu o título de cidade. A verdadeira emancipação política e administrativa ocorreu quando Ponte Nova se tornou Vila.

A primeira câmara em Ponte Nova, era dividida em dois setores, onde o andar superior funcionava a câmara e o inferior o presidio. Pode se dizer que o poder legislativo do município teve início quando se pensava na mudança de freguesia para Vila. A primeira sessão da câmara ocorreu na casa doada por Antônio Inácio Martins, mobiliada e reformada pelos cidadãos da Vila no dia 28 de abril de 1863. Com o final do império a notícia não chegou a entrar em debate pelos membros que tinha participação na Câmara Municipal, sendo a última reunião ocorrendo na data de 8 de outubro de 1889.

³⁵ LIVRO DA LEI MINEIRA. Tomo XXXII – Parte 1ª – Folha nº2. Ouro Preto. 1866.

5.1.2. Levantamento documental e fotográfico, sobre a evolução arquitetônica da Matriz de São Sebastião.

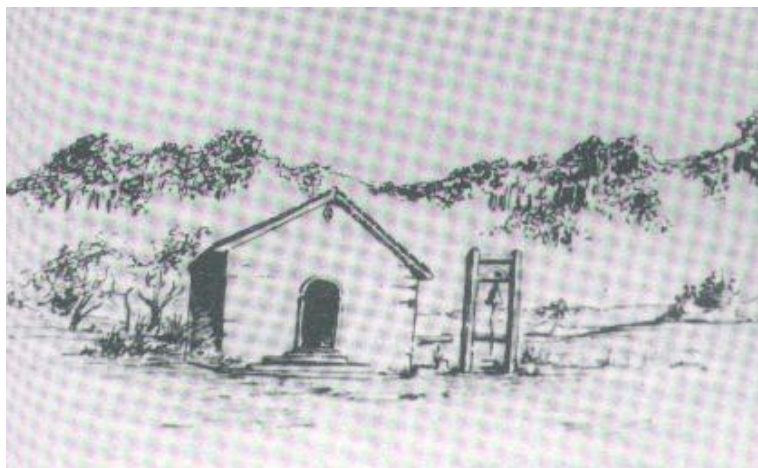
Com parte das terras doadas pelo Padre João do Monte Medeiros, faz solicitação ao bispado de Mariana pedindo autorização para poder erguer a capela. No dia 06 julho em 1770, foi concedido a autorização eclesiástica, e com mais ou menos 6 meses as obras foram concluídas na capela de São Sebastião e Almas e o cemitério. Ela se encontra na localização atual da Matriz de São Sebastião em Ponte Nova -MG. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Dossiê de Registro do Bem Cultural Imaterial Festa de São Sebastião Ponte Nova. Exercício 2022, ano 2020.).

A capela depois de pronta e já havia escolhido o seu santo protetor, por consentimento episcopal, o Padre do Monte Medeiros elegeu o padroeiro São Sebastião, uma possível homenagem em respeito do seu Irmão Sebastião do Monte Medeiros, a quem ele devia uma parte do seu patrimônio, assim doando parte das terras que era dono em benefício de construir a capela. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Dossiê de Registro do Bem Cultural Imaterial Festa de São Sebastião Ponte Nova. Exercício 2022, ano 2020.).

Dentro do séc. 18, um bando de índios Aimorés atacou o povoado, fazendo vítimas, incendiando algumas casas e a capela original. O Padre Francisco Soares de Araújo fazendo toda a reconstrução do templo. (Leandro Ferreira Neves. 2018.)

As terras antes de todo o povoado se estabelecem, já havia moradores ali, sendo eles os índios, que já estavam em conflito com as pessoas novas que se instalaram nas terras, isso ainda no século XVII, um desses combates acabou incendiando a capela e as casas, onde o Padre Francisco Soares de Araújo tomar a frente na reforma da nova capela.

Figura 14 - Desenho representativo da primeira capela de São Sebastião - Ponte Nova.



Fonte: [fundação \(pontenet.com.br\)](http://pontenet.com.br)

Com chegada do primeiro vigário colado o Padre José Miguel Martins Chaves, ofereceu parte do seu terreno para a ampliação da primeira capela, devido ao grande número de pessoas no povoado. Em 1857 foi iniciado a obra de ampliação e construção de uma pequena casa perto da capela para o Padre José Miguel, utilizaram a antiga capela como ‘capela-mor’, assim prolongando a construção para frente, criando uma nave do templo³⁶. Em 1859 foi inaugurada a nova igreja, obra foi realizada com o dinheiro doados pelos fiéis, arrecadações das comemorações realizadas com esse mesmo proposito, junto com as verbas do governo provincial.

³⁶ RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. Ponte Nova: 1770 a 1920; 150 anos de história – Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 1993. p.62.

Figura 15 - Segunda capela São Sebastião concluída - Ponte Nova.



Fonte: Arquivo da Secretaria da cultura de Ponte Nova.

O próprio Ribeiro Filho (1993), aponta que a nova matriz, era caracterizada pela sua solidez do que pela sua sofisticação. A igreja foi utilizada por vários anos, para os atos religiosos da paróquia, e que tudo indica não foi feita nenhuma restauração ou reforma tão relevante com o passar dos anos.

O vigário colado da paróquia, o Padre João Paulo Maria de Brito, enviou uma carta para o Dom Silvério Gomes Pimenta que era o arcebispo de Mariana, em 02 de janeiro de 1911. O pedido da carta, foi a concessão para criar uma comissão para construção de uma nova edificação para a matriz. O Padre declarou que “o atual estado da Igreja Matriz era estado de ruína acentuando-se a cada dia, mas não só substituir a atual, como expandir para caber mais fieis, que estavam sempre crescendo”³⁷. A comissão

³⁷ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Padre João Paulo Maria de Britto a Dom Silvério Gomes Pimenta*, 02 jan. 1911.

era formada pelas pelos seguintes nomes, o Presidente da Comissão; Senador Antônio Martins, para vice-presidente; Dr. Caetano Marinho, Secretario; Pe. Alypio Gonzaga de Barros, Tesoureiro; Cap. João Baptista de Alvarenga, junto os senhores; Dr. Ângelo Vieira Martins, Cel. Jose Soares da Silva; Ten. Augusto Ferreira Brant; Júlio Messias e os funcionários José de quinta Cardoso; Sebastião Maciel de Laia; Antônio Luís de Oliveira³⁸.

Figura 16 - Segunda capela São Sebastião celebração do levantamento da cruz antes de 1915 - Ponte Nova..



Fonte: Arquivo da Secretaria da cultura de Ponte Nova.

A Câmara Municipal convocou uma reunião, em 15 de agosto em 1911, para discutir acerca da obra e todos os transmites em relação a nova matriz³⁹. Dom Silvério Gomes Pimenta concedeu a fundação dessa comissão, na data de 10 de janeiro de 1912, foram nomeados⁴⁰. Diante de alguns contra a tempos essa ideia não foi levada adianta, o

³⁸ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Padre João Paulo Maria de Britto a Dom Silvério Gomes Pimenta*, 02 jan. 1911.

³⁹ RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. *Ponte Nova: 1770 a 1920; 150 anos de história – Viçosa: Editora Folha de Viçosa*, 1993. p.174.

⁴⁰ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Ofício de Dom Silvério Gomes Pimenta nomeando a comissão para a construção da nova matriz*. 10 jan. 1912.

Padre João Paulo Maria Britto por estar muito debilitado e doente, tempo depois ele falece, assim a comissão nomeada não foi adiante.

A principal ideia da construção da nova matriz, não estava só relacionado com uma igreja mais ampla para o bem-estar dos fiéis, mas que a cidade de Ponte Nova estava passando por um momento de desenvolvimento urbano e industrial. Levando em consideração esse fato, podemos entender melhor a intenção de templo novo. O crescimento foi bem no começo séc. 20, foi um período de grande desenvolvimento como político, cultural, social e econômico, a industrialização chegou com a instalação da Usina Anna Florência em 1885. Os dois recém-chegados do Rio de Janeiro Francisco e Jose Martins trouxeram o primeiro Engenho Central de açúcar de Minas Gerais, a indústria tomou conta da maior parte de mão de obra da cidade, diariamente chegavam técnicos estrangeiros para montar os maquinários.⁴¹ Com o crescimento das atividades açucareiras, transformando Ponte Nova em uma das maiores produtoras de cana do país, umas das consequências desse fato, foi a instalação da estrada de ferro.

Depois de quatro longos anos, da autorização imperial para instalação da linha férreas, e os trâmites sendo totalmente resolvidos, foi inaugurada em 24 de junho de 1886, a Estação de Ponte Nova, contando com comparecimento do Imperador D. Pedro II. O crescimento e o desenvolvimento, gerado pelas usinas e produtoras de açúcar, fez com que fosse criado a primeira associação de empresários da cidade, a Associação Comercial e industrial de Ponte Nova, onde ocorreu a sua primeira reunião no dia 29 de agosto de 1907, e fundada juridicamente em outubro do mesmo ano. Em 08 de março de 1908, também foi inaugurado a Cooperativa Agrícola Pontenovense, e um tempo depois surgiu o Banco de Credito Real de Minas Gerais, por meio dos irmãos Vieira Martins sendo

⁴¹ RIBEIRO FILHO, Antônio Brant, 1952. Lavoura e riqueza, voto e poder; uma contribuição para o estudo da história política na Zona da Mata Mineira. Ponte Nova: Sociedade Pró-memória, 1996. p.51. RIBEIRO FILHO diz, que na inauguração da Usina trouxe uma série das transformações para Ponte Nova. “Técnicas agrícolas avançadas, importadas pela usina, iam, por exemplo, sendo absorvidas por outros proprietários, refletindo-se assim, na modernização da agricultura de Ponte Nova. Junto com a usina e, por necessidade desta, ocorre o aparecimento da fundição e de ofícios especializados em máquinas e implementos agrícolas. (...). Animados com o sucesso da Usina Anna Florência, outros grandes fazendeiros da região se dispuseram a construir usinas em suas terras. In: RIBEIRO FILHO.p52.

inaugurado em 01 de março de 1912, podemos dizer que a economia foi muito bem estimulada.

O crescimento exponencial, trouxe a progresso e modernidade na adaptação dos espaços públicos, requerendo novas obras públicas. A prefeitura acabou conseguindo a Fazenda das Palmeiras em 1895, expandindo um novo bairro, e fundando uma Escola Normal para moças, direcionada por religiosas salesianas. Sendo um período de grandes obras urbanísticas, e crescimento da malha urbana.

Teve uma grande transformação urbanística na cidade, no governo do Dr. Caetano Marinho (1908-1918), várias obras urbanas foram feitas, como reparação das vias, aprimoramento dos espaços, e tendo uma atenção maior no planejamento e manejo das ocupações, com imposições na padronização das casas e novas residências, e na construção de passeios pelos residentes, e criar um serviço público de limpeza das ruas, arborização e saneamento básico. Tudo foi ocorrendo por etapas, em janeiro de 1912 foi entregue o sistema de abastecimento de água potável⁴², depois em 01 de novembro de 1913, o serviço de luz elétrica, isso cooperou com as microempresas que estavam dentro do município. Um tempo depois, dia 13 junho de 1915, foi inaugurado os serviços de telefonia.

E o grande volume de obras não pararam por aí, no governo do prefeito Custodio (1919 –1925), abriram a avenida beira rio que liga ao novo bairro das Palmeiras ao centro, ergueram mais uma ponte de madeira sobre o Rio Piranga, contribuindo para o tráfego de veículos e pessoas, fizeram melhorias no calçamento de diversas ruas e também arborização. Em 1919 inauguraram o prédio do Fórum, e substituíram a ponte de madeira em 1921, por uma de concreto armado, mas resistente e moderna. No próximo governo de Cantidio Drumond (1925 – 1935), o principal foco era a modernização. Redobrando a atenção em como ligar todos os centros produtivos do município a sede, por meios de rodovias, e ajudando na distribuição da produção⁴³.

⁴² RIBEIRO FILHO, Antônio Brant, 1952. Lavoura e riqueza, voto e poder; uma contribuição para o estudo da história política na Zona da Mata Mineira. Ponte Nova: Sociedade Pró-memória, 1996. p.80. Segundo RIBEIRO FILHO, a data de entrega das obras de abastecimento de água pela empreiteira contratada, H. Smyth. Porém, como observar por não corresponder ao que estava firmado em contrato.

⁴³ RIBEIRO FILHO, Antônio Brant, 1952. Lavoura e riqueza, voto e poder; uma contribuição para o estudo da história política na Zona da Mata Mineira. Ponte Nova: Sociedade Pró-memória, 1996. p.99.

Novas obras de iniciação privadas e públicas, que evidenciam o progresso no município de Ponte Nova, foi inaugurado em fevereiro de 1925, o Hotel Gloria por Sebastião Drummond e Antônio Pinto de Oliveira, a intenção era fornecer lugar para hospedagem aos viajantes que usavam a linha de Leopoldina Railway, sendo o hotel mais luxuoso e sofisticado da época, recebendo grandes personalidades. Depois no dia 28 de agosto de 1926 também foi inaugurada a linha férrea Central do Brasil. Nessas circunstâncias de desenvolvimento urbanístico e modernização, como resultado a mudança da paisagem pontenovense, onde-se introduz a ideia de uma nova matriz, sendo colocada aonde antigas capelas foram construídas, em que foi o início e consolidação da cidade⁴⁴.

⁴⁴ O momento de desenvolvimento, prestígio e crescimento da cidade nessa época se faz perceber até mesmo em nível eclesiástico. Contemporaneamente aos planos da obra da nova matriz, surge até mesmo o desejo de transformar Ponte Nova em sede de um bispado, o que será defendido com muito vigor pelas autoridades da cidade e acolhido pelo arcebispo Dom Helvécio, conforme se pode observar no que noticia o jornal A Actualidade: “ Ali chegando, tomou a palavra o *distincto* advogado Dr. Luiz Pinheiro, que fazendo sentir a v.exa. revma. D. Helvécio, o *ilustre* hospede, a satisfação do povo de Ponte Nova pela sua hospedagem e pelas grandes festas, lembrou da promessa feita da criação do bispado de Ponte Nova”. In: REALIZAÇÃO dos imponentíssimos festejos da nossa linda matriz. *A Actualidade*: semanário da tarde, independente e do povo, Ponte Nova, p.2, 6 de maio 1926.

Figura 17 - Vista panorâmica de Ponte Nova, estação de trem e o Hotel Gloria ao fundo, 1930.



Fonte: Arquivo da Secretaria da cultura de Ponte Nova.

A comissão que foi designada no intuito de fiscalizar a obra da nova matriz em 1912, não prosseguiu com os trabalhos, por motivos citados antes, onde a ideia foi deixada para trás. Mas tudo muda quando no dia 23 de outubro de 1915, ocorre um incêndio que acabou destruindo maior parte da antiga matriz, além que ela não se encontrava em boas condições de conservação.⁴⁵

O Padre João Paulo foi nomeado como auxiliar do vigário, na data de 01 de abril de 1913, mas com sua morte, o Padre Jose Maria Parreira se encarrega de assumir a Paroquia de São Sebastião no dia 22 de agosto de 1915⁴⁶. Onde ficou em sua responsabilidade prosseguir com o projeto para erguer a nova matriz. Alguns dias depois do incêndio, fizeram uma reunião para decidir se restauram a antiga matriz ou fazem uma nova construção, no final por uma votação unânime prefeririam optar na demolição da

⁴⁵ O jornal “O Piranga” noticia o sinistro, ocorrido á noite, quando o templo já se encontrava fechado, após as celebrações, apontado como causa, um descuido: “Um menino, depois da ladainha, deixara uma vela acesa sobre uma grande *commoda*, em que havia paramentos, na *sachristia*. Ahi teve começo o fogo, que devorou quase todo o móvel e os paramentos e ainda uma porção do forro da referida *sachristia*”. Cf.: INCENDIO na Matriz. O Piranga: orgam do Partido Republicano Mineiro no Município, Ponte Nova, p.2, 31 outubro 1915.

⁴⁶ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. Provisão de nomeação do Pe Jose Maria Parreira Lara como *coadjutor da Paroquia São Sebastião*, 01 abril.1913.

antiga igreja e erguer uma nova edificação⁴⁷. Juntamente com o planejamento para a nova matriz, tinha começado a obra de reconstrução da capela de Nossa Senhora do Rosário, que ficava perto da igreja matriz que foi incendiada, exercendo a função de receber os cultos religiosos e celebrações, até o fim da obra da nova matriz. A capela de Nossa Senhora do Rosário, fica pronta no ano de 1916, onde o Padre Jose Maria encaminha uma carta, pedindo a arquidiocese a concessão para benzer a capela em 22 de novembro desse mesmo ano⁴⁸. A capela passar a ser encarregada de todos os atos litúrgico, para poder dar continuidade em erguer a nova igreja matriz, antes disso na ruína da antiga matriz eram feitos celebrações e ações da paroquiais.

O padre Frederico (Friedrich) Vienken, nascido em Bottrop, na Alemanha no dia 20 de dezembro 1883, aonde ingressou na sociedade Verbo Divino em 1898. Recebendo a ordenação sacerdotal em 06 de fevereiro de 1910, sendo delegado como missionário ao Brasil neste mesmo ano, no dia 26 de abril, fazendo parte da recém-fundada obras dos verbitas em Minas Gerais. Sendo o arquiteto da congregação encarregado de várias obras, maior parte das casas da congregação em município de Antônio Carlos, como também o Instituto São Miguel, Borda do Campo e o Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Aceitando outros projetos de fora, como o encomendado pelo Padre José Maria a edificação nova matriz, começando as negociações para iniciar a obra.

As primeiras intervenções a serem feitas na edificação da igreja matriz, o Padre Jose Maria Parreira Lara teve que pedir autorização, para o arcebispo isso em 1919. Já em 24 de fevereiro, foi enviada uma carta ao Monsenhor Moraes, Vigário Geral de Arquidiocese, avisando “que foi forçado a retirar as telhas da capela-mor para não estragar o material e as telhas”⁴⁹ da antiga igreja matriz. Outra carta enviada e datada no mesmo dia “solicitando a concessão para desfazer a matriz que ameaça ruína, por ter derrubado uma parede e retirando as telhas da capela-mor”, nessa mesma carta pede entre outras coisas como, vender parte de uma residência que pertence a paróquia e permissão

⁴⁷ O Jornal “O Piranga” dá notícias sobre esta reunião, que também decide por acelerar as obras da Igreja do Rosário, conforme se vera, e institui uma pequena equipe responsável para angariar fundos para a construção da nova Igreja. Cf. AMATRIZ. O Piranga: orgam do Partido Republicano Mineiro no município, Ponte Nova, p.2,07 novembros.1915.

⁴⁸ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta só Pe Jose Maria Parreira Lara a Cúria de Mariana*, 22 novembro. 1916.

⁴⁹ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta só Pe Jose Maria Parreira Lara a Cúria de Mariana*, 24 fevereiro. 1919.

de pegar todas as esmolas, na intenção de investir todo esse dinheiro na construção da igreja.⁵⁰ A Cúria Arquidiocesana autoriza que “se façam todas as demolições precisas na antiga matriz e que utilizem na construção da matriz as esmolas dos cofres *pios*, cujos fim não for conhecido, *excepo* do Cofre das Almas”, e foi deliberado as portarias permitindo a venda da residência que pertence a paróquia⁵¹. Na data de 03 de agosto de 1919, foi publicado no jornal “A Notícia”, que haveria uma provável mudança do lugar onde vai se erguer o novo templo⁵², sendo só um boato na época, na edição publicada em 05 de outubro do mesmo ano, noticia sobre a realização da cerimonia da pedra fundamental do novo templo, em uma pequena capela que ficava perto da antiga igreja matriz⁵³. A obra da matriz começa a todo vapor, podemos ela tomando forma.

Com as obras já iniciadas em outubro de 1919 com extrema urgência, o Padre José Maria Parreira Lara comunica que havia relato os nomes que tinha participação da Comissão, obrigatória para acompanhar a construção. Deste modo ele nomeia alguns nomes para fazer a supervisão das obras. Os nomes apontados para a Comissão foram: Anníbal Lopes; Pedro Nunes Pinheiro; Caetano Roxo; Dr. Francisco Vieira Martins; José Martins Vieira; Dr. Jarbas de Carvalho e Cantidio Drumond. Os nomes da Comissão foram enviados para Cúria arquidiocesana em 30 de maio deste mesmo ano, mediante a uma petição⁵⁴. E também sendo enviado uma carta endereçada ao Conego Domício, esclarecendo indispensabilidade desta comissão e a carência que de designar uma pessoa para poder receber, a prestação de conta, em nome do arcebispo, onde foi gasto mais de 130:000\$000, para finalizar a obra, e supõe ser inevitável gastar ainda mais, sendo duas vezes esse valor gasto.⁵⁵

⁵⁰ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta só Pe Jose Maria Parreira Lara a Cúria de Mariana*, 24 fevereiro. 1919.

⁵¹ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Ofício da Cúria de Mariana ao Padre Jose Maria Parreira Lara*, 01 março. 1919.

⁵² Assim noticia o periódico “A Notícia”: “brevemente será iniciada a construção da Matriz, que substituirá a velha recentemente demolida. Ao que parece, o novo templo, de dimensões maiores que o antigo, será levantado em terrenos dos herdeiros do saudoso Major Soares. Ouvimos que esses terrenos foram ou seriam adquiridos pela Câmara e particulares, por 40 contos de réis”. In; Matriz. A Notícia, Ponte Nova, p.3, 03 agosto. 1919.

⁵³ Cf. A Matriz. A Notícia, Ponte Nova, p.3, 12 outubro.1919.

⁵⁴ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Petição do Pe Jose Maria Parreira Lara a Cúria de Mariana*, 30 maio. 1922.

⁵⁵ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Jose Maria Parreira Lara ao Cônego Domício*, 30 maio. 1922.

A comissão de obra da igreja matriz, foi autorizada pelo arcebispo em 06 de junho de 1919⁵⁶, e também indicado um responsável por receber a prestação de contas o Padre Benevenuto, nomeado pelo Monsenhor, o secretário da Cúria⁵⁷. O Padre José Maria Parreira Lara, um tempo depois larga a Paroquia de Ponte Nova em 1923, sendo nomeado bispo. O Padre Antônio Carlos Rodrigues, é indicado como novo vigário da Paroquia de São Sebastião, onde fica incumbido de dar seguimento nas obras da igreja matriz.

Registros foram encontrados a respeito deste período, uma carta a Dom Helvecio, escrita por Padre Antônio Carlos Rodrigues fala que “as obras da Matriz se encontram bem animadas - e que o altar estará finalizado até em quinze de dezembro”⁵⁸. O Padre Antônio Carlos, em 08 agosto de 1924, pede a permissão para derrubar a pequena capela dos Passos, que já estava inutilizável e bastante arruinada, que ficava perto da matriz, com o intuito de vender a sua (3m de frente x 3,5 de fundos), no qual o Antônio de Loureiro Salazar Pessoas, investiria a renda da área, sendo ela de 4 contos, para erguer o novo templo⁵⁹. Aonde lhe foi autorizado só dia dezesseis de agosto deste mesmo ano⁶⁰. Em 25 de março de 1925, aonde o Padre Antônio Carlos, envia uma carta ao Cônego Raymundo Trindade, contando boas novas, como está indo o progresso da obra dizendo que “as abobadilhas já estão finalizadas e só falta uma para ser revestida; todas as pinturas já estão avançadas, geridas pelo Revmo. Sr. Pe. Antônio Bianco fazendo de boa vontade, prestando esse favor, e também conduzindo a instalação da cruz, os ladrilhos daqui a pouco serão entregues, vai acentuar e muito, considerando que procurei os melhores. Mas acredito que só julho ou agosto que devam ser instalados”⁶¹. Outra carta enviada ao Cônego Trindade, em 14 de junho, pressupõe o termino da obra no mês de setembro.⁶²

⁵⁶ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Decreto de aprovação da comissão de obras da matriz*, 06 junho. 1922.

⁵⁷ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Monsenhor Horta ao Pe Jose Maria Parreira Lara*, 06 junho. 1922.

⁵⁸ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Antônio Carlos Rodrigues a Dom. Helvécio Gomes de Oliveira*, 10 novembro. 1923.

⁵⁹ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Antônio Carlos Rodrigues a Cúria de Mariana*, 08 agosto. 1924.

⁶⁰ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Ofício da Cúria Metropolitana ao Pe Antônio Carlos Rodrigues*. 16 agosto. 1924.

⁶¹ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade*, 25 março. 1925.

⁶² “As obras da Matriz vão regularmente bem. Em todo o mês de setembro não terá mais andaimes, quer dizer que estáá cneluida toda a obra.” In: ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade*, 14 junho. 1925.

Já em 02 de janeiro 1926, outras correspondências são enviadas pelo Padre Antônio Carlos, comunicando Cônego Trindade, que já está quase colocado, o altar-mor de Mamoré e é “realmente belo e majestoso”⁶³, em outra datada no dia 12 de abril, cita uma dívida de 20 contos, relacionado a aquisição do novo altar-mor. Faltando pouco para inauguração, enviado uma carta no dia 17 de abril, onde diz, “ falta pequenas coisas para o acabamento, sendo que na matriz e na casa *parochial* não tem alguma relevância- já a matriz ainda falta a escada de mármore, que já foi expedida desde janeiro, sendo representada por tapete, visto que os *degraos* três, já estão *prontos ...*”, também informar como vai ser a programação da festa de inauguração da matriz.⁶⁴

A inauguração encontrava-se programada para 25 de abril de 1926, mas por causa de um mal tempo, que atrasou a chegada do arcebispo Dom Helvécio, que estava no Rio de Janeiro a caminho de Ponte Nova, teve que ser remarcada para o dia 26, sendo noticiado no Jornal “ A Actualidade, na edição nº 98 ,de 06 de maio de 1926⁶⁵. Nos dias 26 e 29 de abril de 1926, junto da companhia do novo bispo de Santos, Dom José Maria Parreira Lara, os fiéis, as autoridades e vários outros sacerdotes da arquidiocese, participando das cerimônias de consagração da nova matriz e seus altares, e sendo noticiado pelo jornal. O Dom Helvécio, abençoou o altar-mor, colocando sobre ele as relíquias dos santos mártires, e sendo celebrado pelo bispo Dom Parreira Lara, a primeira missa de inauguração do novo altar. No dia seguinte Dom Parreira Lara celebrou no altar-mor recém consagrado o primeiro Pontifical, logo depois foi a bênção nos altares do Sagrado Coração de Jesus e do São José. No dia 29 sendo o último dia de celebrações, houve uma grande procissão, carregando a imagem de São Sebastião sentado em seu trono, onde foi levado até o altar-mor e depositado em um vitral, doado pela colônia Libanesa.

⁶³ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade*, 02 janeiro. 1926.

⁶⁴ ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. *Carta do Pe Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade*, 17 abril. 1926.

⁶⁵ “Deram início no dia 26 porque, nos dias em que se esperava a sua v. excia. Revmo., Dom Helvécio Gomes de Oliveira, não chegou, porque, o primeiro dia perdeu a barca em *Nictheroy*, e o segundo dia por causa do *desincarrilhamento* da *machina* do expresso na Serra de S. Geraldo, ficou retido em Coimbra, na madrugada de 25, chegando, portanto, a esta cidade em trem *mixto*, á 1 e 40 da tarde”. In: REALIZAÇÃO dos imponentíssimos festejos da nossa linda matriz. A Actualidade: semanário da tarde, independente e do povo, Ponte Nova, p.1, 06 maio.1926

Figura 18 - Av. Caetano Marinho-Matriz São Sebastião construção inaugurada 1926.



Fonte: Arquivo da Secretaria da cultura de Ponte Nova.

Figura 19 - Av. Caetano Marinho Matriz São Sebastião 1940.



Fonte: Arquivo da Secretaria da cultura de Ponte Nova.

5.1.3. Características estilísticas e arquitetônicas do neogótico na Matriz São Sebastião.

Faremos uma pequena análise estilística e dos elementos arquitetônicos da matriz São Sebastião. Alguns elementos neogóticos (góticos) que aparecem na matriz, podemos observar no interior e no seu exterior. As primeiras coisas que podemos observar, é a sua verticalidade, os seus grandes vitrais e seu exterior todo decorado.

Figura 20 - Matriz São Sebastião – Ponte Nova.

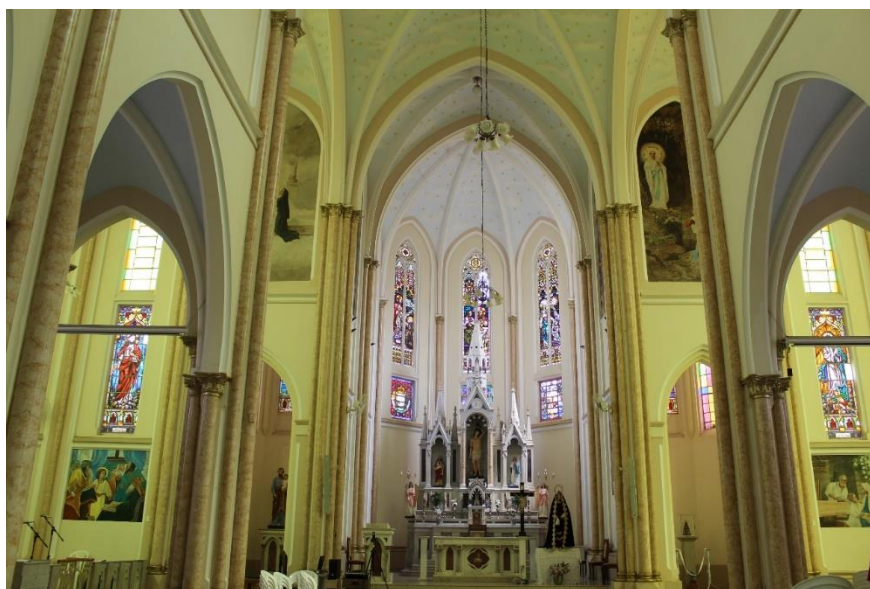


Fonte: Arquivo Pessoal.

A catedrais góticas seguem o padrão de planta baixa das catedrais românicas. Olhando a planta baixa da matriz São Sebastião, vemos o desenho de uma cruz latina, sendo composta por nave central, e duas naves laterais. O transepto atravessa o corpo

longitudinal da igreja, entre essa interseção fica o cruzeiro e aos lados se denomina os braços.

Figura 21 - Matriz São Sebastião parte interna do transepto, podemos ver o arco do cruzeiro, altar-mor e retábulo – Ponte Nova.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Podemos observar na fachada frontal três portadas, todas com a verga de arco ogival (arco quebrado), se refletindo nos grandes vãos das janelas e dos vitrais e nas molduras das portas laterais. As portas da fachada frontal encontram-se um detalhe parecendo um gablete, que tem a aparência triangular, com encimado com uma cruz, e com dois pináculos dos lados encimados com florões. Vemos também tímpanos no portal central tem a figura de uma rosácea feita em argamassa, enquanto das portas da direita e da esquerda tem a ornamentação de um trifólio também de argamassa, tendo semelhança com rendilhados e arredondado, podendo ser visto externamente ornamentado em vários lugares da edificação.

Figura 22 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada frontal.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 23 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada lateral esquerda.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 24 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada lateral esquerda.



Fonte: Fonte: Arquivo Pessoal.

Temos grandes torres sineiras laterais que compõem a fachada, onde os telhados são cônicos ou em agulha, grandes pináculos rendilhados com cruzes lituano na sua ponte, e pináculos menores e ornamentados com cogulhos e florões.

Figura 25 - Torre sineira da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 26 - Pináculo com ornamento de cruz lituana Matriz São Sebastião – Ponte Nova



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 27 - Pináculo ornamentado com florões e cogulos Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nas laterais da matriz encontramos o arcobotante onde suporta a foça das abóbadas num ponto mais elevado no qual apoia no contraforte (botaréu), embutido nas paredes laterais ajudando a reforçar ou a diminuir a pressão a pressão feita no interior.

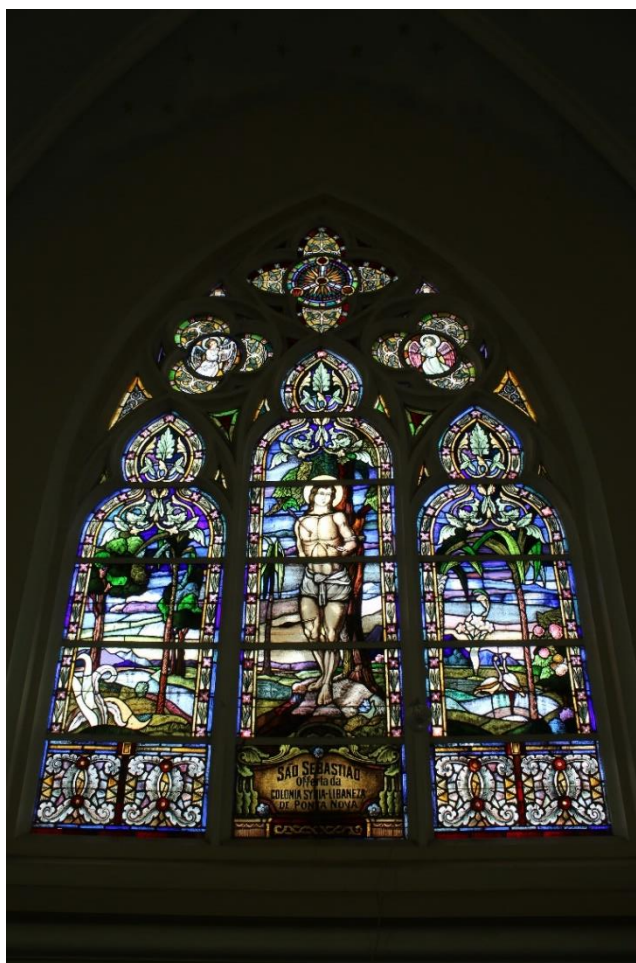
Figura 28 - Matriz São Sebastião - Ponte Nova, fachada lateral esquerda, arcobotante e contraforte.



Fonte: Fonte: Arquivo Pessoal.

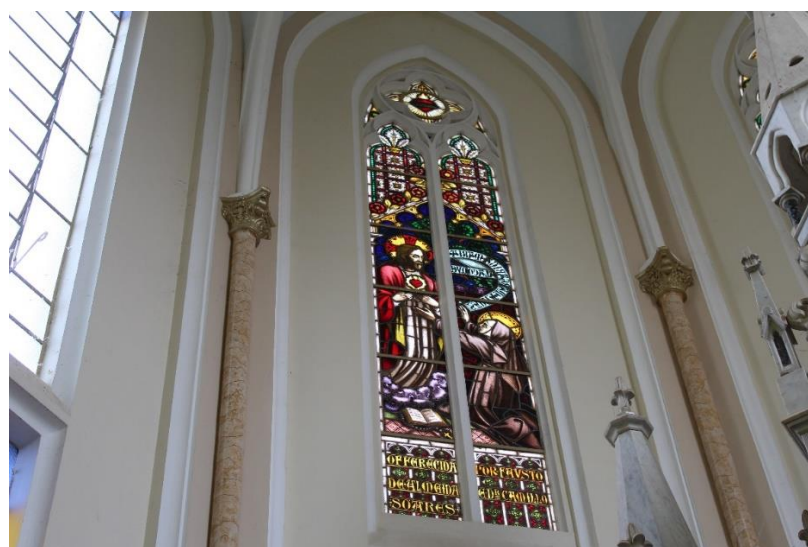
Temos painéis formados por pequenas peças de vidros de cor, dispostas como num mosaico e montados numa armação de ferro. Normalmente são únicos por uma calha de chumbo que enfeitam e fecham um vão. Vemos imagem nesses vitrais que contam histórias e personagens que estão na bíblia, isso era uma forma de alfabetizar e catequese a população que não sabiam ler na época.

Figura 29 - Vitral da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.



Fonte: Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 30 - Vitral da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 31 - Vitral da Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na nave principal da matriz é feito uma divisão, onde temos na parte de baixo a arcada principal e clerestório. A arcada principal do acesso as duas naves laterais e o clerestório é aonde se localiza as grandes janelas com vitrais.

Figura 32 - Nave central, vista para a arcada principal e clerestório Matriz São Sebastião – Ponte Nova 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Olhando para o teto da matriz temos a abóbadas de nervuras, observamos que são arcos ogival que se cruzam na diagonal, formando um x que é dividido em quatro partes. As abobadas nervurada deposita o peso sobre os pilares, sendo usado como suporte e decoração.

Figura 33 - Abóbada nervurada da nave principal e nave laterais.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 34 - Abóbada nervurada



Fonte: Arquivo Pessoal.

6. CONCLUSÕES

Nesta incursão pelo universo histórico e arquitetônico de Ponte Nova, deparamo-nos com a crua realidade da escassez de informações sobre as icônicas construções neogóticas que adornam o município mineiro. Essa carência de dados motivou-nos a lançar mão de uma pesquisa científica minuciosa, desbravando não apenas os registros históricos, mas mergulhando nas entranhas fotográficas e arquitetônicas dessas estruturas singulares.

O epicentro deste estudo revelou-se na pequena capela que, ao longo do tempo, transformou-se na imponente Igreja Matriz de São Sebastião e Almas em Ponte Nova/MG. Uma análise pormenorizada da sua história de concepção transcende o simples estudo de um edifício, adentrando o cerne da evolução arquitetônica e cultural da região.

O propósito fundamental que norteia este trabalho é a criação de um documento robusto, uma referência incontornável para futuras incursões científicas acerca da Matriz de São Sebastião e Almas em Ponte Nova/MG. Fundamentado na compreensão da irrupção do estilo neogótico, esta pesquisa destaca a expressão de modernidade que se insinuou nas terras mineiras, particularmente em Ponte Nova.

Numa virada ousada para o contemporâneo, exploramos o legado do Padre Frederico (Friedrich) Vienken, um visionário que transcendeu fronteiras físicas e culturais. Sua trajetória, entrelaçada com a história da congregação Verbo Divino, desvenda um legado de engajamento missionário e maestria arquitetônica, que se manifesta nas obras que erigiu em solo mineiro.

Ao encarar projetos desafiadores, como a edificação da nova matriz a pedido do Padre José Maria, Padre Frederico não apenas construiu estruturas físicas, mas também cimentou seu nome na história de Ponte Nova. As negociações para iniciar essa obra representaram não apenas a concretização de um projeto arquitetônico, mas a celebração de uma visão que transcendeu fronteiras e desafios.

Neste cruzamento entre o passado e o presente, entre a escassez de dados e a busca pela preservação, entre a simplicidade de uma capela e a grandiosidade de uma igreja matriz, esta pesquisa almeja não apenas compreender o legado arquitetônico e

histórico, mas também inspirar futuras gerações a explorarem e preservarem as riquezas culturais que Ponte Nova carrega consigo. Este TCC é mais do que um mero registro acadêmico; é um chamado para a ação, um convite para desvendar os mistérios do passado e garantir que a tapeçaria cultural de Ponte Nova seja tecida com fios de conhecimento e respeito.

REFERÊNCIAS

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BENEVOLO, Leonardo. As origens da urbanística moderna. Lisboa: Presença, 1987.

BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. São Paulo: perspectiva, 1994.

PEVSNER, Nikolaus. Os pioneiros do desenho moderno – de William Morris a Walter Gropius. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

PEVSNER, Nikolaus. Origens da arquitetura moderna e do design. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PATETTA, Luciano (org.). História de la arquitectura – antologia critica. Madrid: Hermann Blume, 1984.

ARGAN, Giulio Carlo. “O Revival”. In: Id. A arte moderna na Europa. De Hogarth a Picasso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 391-416.

ARGAN, Giulio Carlo. Et alii. El passado em el presente. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. O Revivalismo Medieval e a Invenção do Neogótico: sobre Anacronismo e Obsessões. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

MENEGUELLO, Cristina. Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana. 2000. 430 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280273>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

_____. “Algumas considerações sobre o conceito de História segundo Voltaire”, Locus – Revista de História, vol. III, nº2. Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997.

Furtado, Claudio Soares Braga- A luz no céu de Capricórnio: reflexões da luz na arquitetura brasileira, São Paulo 2005

GYMPEL, Jan - História da arquitetura: da antiguidade aos nossos dias. Colônia: Könemann, 2001. 119 p. ISBN 3829043929.

AFONSO, Luís. O Gótico Português. Universidade Lusófona do Porto, janeiro, 2018.
https://www.researchgate.net/publication/322730763_O_Gotico_Portugues, Acessado 14/06/2020.

Livros História de Ponte nova e neogótico em minas

CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Legislativo de Ponte Nova – 148 anos de História. Dezembro, 2010.

ARQUIVO MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Livro auxiliar de despesa. Câmara Municipal de Ponte Nova. Fevereiro 1893 a dezembro de 1906.

_____. Livro de Atas diversas. Câmara Municipal de Ponte Nova. 1847 a 1932.

_____. Livros de Atas do Legislativo. Câmara Municipal de Ponte Nova. 1863 a 1930.

ARQUIVO ECLESISTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. Carta do Pe. João Paulo Maria de Britto a Dom Silvério Gomes Pimenta, 02 jan. 1911.

_____. Ofício de Dom Silvério Gomes Pimenta nomeando a comissão para construção da nova matriz, 10 jan. 1912.

_____. Provisão de nomeação do Pe. José Maria Parreira Lara como coadjutor da Paróquia São Sebastiao, 01 abr. 1913.

_____. Carta do Pe. José Maria Parreira Lara á Cúria de Mariana, 22 nov. 1916.

_____. Carta do Pe. José Maria Parreira Lara ao monsenhor Moraes, 24 fev. 1919.

_____. Carta do Pe. José Maria Parreira Lara á Cúria de Mariana, 24 fev. 1919.

_____. Ofício da Cúria de Mariana ao Pe. José Maria Parreira Lara, 01 mar. 1919.

_____. Petição do Pe. José Maria Parreira Lara á Cúria de Mariana, 30 mai.1922.

_____. Carta do Pe. José Maria Parreira Lara ao Cônego Comício, 30 mai. 1922.

_____. Decreto de aprovação da comissão de obras da matriz, 06 jun. 1922.

_____. Carta de Monsenhor Horta ao Pe. José Maria Parreira Lara, 06 jun. 1922.

_____. Carta do Pe. Antônio Carlos Rodrigues a Dom Helvécio Gomes de Oliveira, 10 nov. 1923.

_____. Carta do Pe. Antônio Carlos Rodrigues á Cúria de Mariana, 08 ago. 1924.

_____. Ofício da Cúria Metropolitana ao Pe. Antônio Carlos Rodrigues, 16 ago. 1924.

_____. Carta de Pe. Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade, 25 mar. 1925.

_____. Carta de Pe. Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade, 14 jun. 1925.

_____. Carta de Pe. Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade, 02 jan. 1926.

_____. Carta de Pe. Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade, 17 abr. 1926.

_____. Carta de Pe. Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade, 25 mar. 1925.

_____. Carta de Pe. Antônio Carlos Rodrigues ao Cônego Raymundo Trindade, 25 mar. 1925.

_____. Estatuto da Associação de Nossa Senhora da Conceição, 1900.

História de Ponte Nova, disponível em:<<http://www.pontenet.com.br/pontenova/histor.html>> Acesso em 15 fevereiro 2020.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. LIVRO DA LEI MINEIRA, Tomo XXII – parte 1ª – folha nº 7. Ouro Preto, 1857.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. LIVRO DA LEI MINEIRA, LIVRO DA LEI MINEIRA. Tomo XXXII – Parte 1ª – Folha nº 2. Ouro Preto. 1866.

NEVES, Leandro Ferreira. Igreja Matriz de São Sebastião de Ponte Nova: uma análise histórica e artística. Mariana, 2018.

Maia, Laís Aparecida dos Reis, 1992- História da educação na região de Ponte Nova nos anos de 1863 a 1930 – Viçosa, MG, 2019.

RAU, Virgínia. Sesmarias medievais portuguesas. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo Distrito dos Diamantes. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

MILFONT, Magna Licia Barros, A urbanização no século XVIII: Vila do Recife e Arraial do Tijuco, Recife, 2010.

RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. Ponte Nova: 1770 a 1920; 150 anos de história – Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 1993.

RIBEIRO FILHO, Antônio Brant, 1952. Lavoura e riqueza, voto e poder; uma contribuição para o estudo da história política na Zona da Mata Mineira. Ponte Nova: Sociedade Pró-memória, 1996.

MAIA, Laís Aparecida dos Reis, 1992- 2019 História da educação na região de Ponte Nova nos anos de 1863 a 1930. Viçosa, MG, 2019.

MAGALHÃES. Manuel Ignácio Machado de. Resumo Histórico de Ponte Nova. Ponte Nova: Typ Ideal, 1922.

CAPRI, Roberto. Minas Gerais e seus municípios. São Paulo, Capri, Andrade e C. editores, 1916.

ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira. Arquitectura neomedieval portuguesa 1780- 1924. Volume 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

QUEIROZ, M.I. Pereira de. Ainda uma definição do 'ser brasileiro'? In: RODRIGUES, L. Martins(org.). Trabalho e cultura no Brasil. Recife, 1981 ANPPCS/Brasília, CNPQ.

VILLAR, Juliana Padula. Vapor e Movimento: A estrada de ferro Leopoldina e a (Trans.) Formação da Paisagem no Município de Ponte Nova - MG, Viçosa, junho, 2010.

ROCHA, Karolinny Rosa de Brito da Rocha. Testemunho e Transcendência: Relação entre imagens e palavra nos vitrais da Catedral Presbiteriana do Rio, Rio de Janeiro, 2019.

DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX). In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

FABRIS, A. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. Anais Do Museu Paulista Nova Série, n° 1, São Paulo, 1993.

_____. (Org.). Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

VASCONCELLOS, Patrícia. Interiores- Corredor cultural- Centro Histórico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2002.

PARAÍSO, Maria Hilda B. Os Botocudos e sua trajetória histórica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

EHRENREICH, Paul. 1855-1919. Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX / Paul Ehrenreich; tradução de Sara Baldus; organização e notas por Julio Bentivoglio. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. História geral do Brasil. Rio de Janeiro: s.n., 1857.

NEVES, Osias Ribeiro. Antônio Bartolomeu - uma biografia. Belo Horizonte: Escritórios de Histórias, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Dossiê de Registro do Bem Cultural Imaterial Goiabada Cascão da Região de Ponte Nova. Exercício 2016, ano 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Dossiê de tombamento da Imagem de São Sebastião de Ponte Nova. Exercício 2010, ano 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. Dossiê de Registro do Bem Cultural Imaterial Festa de São Sebastião Ponte Nova. Exercício 2022, ano 2020.

Luz, John Kennedy Ferreira da. A face popular da arquitetura do espetáculo: o ecletismo como símbolo de transformações sociais no Cabo de Santo Agostinho/PE (1990-1935), p.2. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/151023_John_Kennedy_Ferreira_da_Luz.pdf. Acesso em 01 set.2021.

Jornais e artigos.

REALIZAÇÃO dos imponentíssimos festejos da nossa lida matriz. A Actualidade: semanário da trade, independente e do povo, Ponte Nova, p. 2, 06 mai. 1926.

A MATRIZ. O Piranga: organ do Partido Republicano Mineiro no município, Ponte Nova, p. 2, 07 nov. 1915.

MATRIZ. A Notícia, Ponte Nova, p. 3, 03 ago. 1919.

FESTAS Religiosas. Gazeta de Ponte Nova, Ponte Nova, p. 1, 24 mar. 1935.

INCENDIO na Matriz. O Piranga: organ do Partido Republicano Mineiro no município, Ponte Nova, p. 2, 31 out. 1915.